

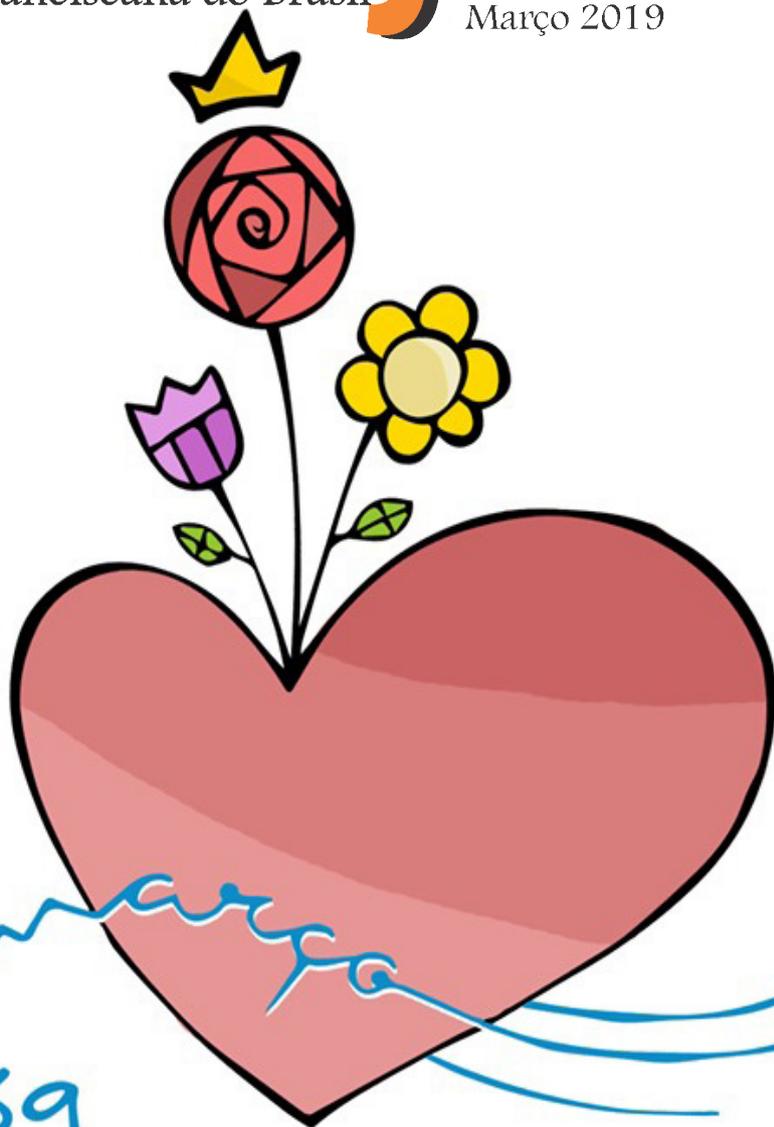


Caderno Nacional de **FORMAÇÃO**

Juventude Franciscana do Brasil

16ª Edição
Março 2019

São
as águas
de MARÇO
fechando o
VERÃO.



É a promessa
de vida no teu
coração.

TOM JOBIM

CADERNO NACIONAL DE FORMAÇÃO

16ª EDIÇÃO DO CADERNO NACIONAL DE
FORMAÇÃO DA JUVENTUDE FRANCISCANA
DO BRASIL - MARÇO DE 2019

Organização

Juliana Caroline Gonçalves Almeida

Revisão

Gabriela Consolaro Nabozny

Arte e Diagramação

Rômulo Ferreira Pereira

Imagens

As imagens contidas nessa edição foram retiradas na sua maioria da internet e outras tiradas por jufristas e encaminhadas para essa publicação.

Secretariado Fraternal Nacional (SFN)
Triênio 2016-2019



TOM JOBIM

CAPA

SECRETÁRIO FRATERNAL (PRESIDENTE) NACIONAL

Washington Lima dos Santos, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL PARA A ÁREA NORTE
Adrielly Alves da Silva

SECRETÁRIA NACIONAL PARA A ÁREA NORDESTE A
Jéssica Maria de Lima Rocha, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA NORDESTE B
José Douglas Soares Cordeiro de Souza, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL PARA A ÁREA CENTRO OESTE
Maricélia Moraes Ribeiro

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA SUDESTE
Marcio Bernardo de Oliveira Ramos, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL PARA A ÁREA SUL
Bruno Oliveira Soares, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE FORMAÇÃO
Juliana Caroline Gonçalves Almeida, JUFRA/OFS

SECRETÁRIO NACIONAL DE AÇÃO EVANGELIZADORA
Muhammed Hochay da Costa Araújo, JUFRA/OFS

SECRETÁRIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL,
REGISTRO E ARQUIVO
Danielle Maria dos Santos e Silva, JUFRA/OFS

ASSESSOR PARA REGISTRO E ARQUIVO
Emanuelson Matias de Lima

SECRETÁRIO NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS, JUSTIÇA,
PAZ E INTEGRIDADE DA CRIAÇÃO (DHJUPIC)
Igor Guilherme Pereira Bastos

SECRETÁRIA NACIONAL DE INFÂNCIA, MICRO E MINI-
FRANCISCANOS
Sabrina Ferreira da Silva

SECRETÁRIO NACIONAL DE FINANÇAS
Humberto Martins de Lima, JUFRA/OFS

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL
Frei Wellington Buarque de Sousa, OFM

ASSISTENTE ESPIRITUAL NACIONAL
Irmã Viviane Ramos da Costa, FDM

ANIMADORA FRATERNA NACIONAL
Maria Aparecida Pereira Brito, OFS

APRESENTAÇÃO

**Amadas irmãs e Amados irmãos,
Que a Paz e o Bem estejam em vossos corações!**

“A fraternidade é o lugar do encontro, de formação, de crescimento na fé e no espírito de amor e de serviço, pelo encontro e pela ajuda e experiência dos irmãos. Nela, cada um se esforça por compreender as necessidades dos outros e tornar próximo o Reino de Deus. (...) Fraternidade significa comunhão e participação do que se é e do que se tem. É receber e dar, assimilar e elaborar em um contínuo intercâmbio de vida que produz o crescimento e o desenvolvimento, o enriquecimento de cada um e de toda a comunidade, que se edifica na caridade.” (Ef 4,15) (PLACITELLI, apud ROSER)

Inspirados no exemplo do Jovem de Assis, envolvidos pela alegria da vida em fraternidade, em pleno Congresso Nacional, nestas terras tão marcantes e historicamente importantes no relacionamento JUFRA e OFS, publicamos mais uma Edição do nosso Caderno Nacional de Formação. Anápolis, durante esses dias, durante o CONJUFRA, acolhe a nossa amada Juventude Franciscana dos mais diversos cantos desse imenso país, para refletir, celebrar e decidir os novos percursos das águas da JUFRA do Brasil.

A entrevista do XVI Caderno é com nossa irmã, muito amada, Moema Miranda, OFS, que irá partilhar sobre a situação da Amazônia e explicar os motivos para o Sínodo, esse importante momento que nossa Igreja está construindo e vivenciando. Além disso, o Caderno traz uma reflexão sobre a Campanha da Fraternidade desse ano. Iremos refletir sobre o tema, relacionando-o com o nosso carisma.

Falando em carisma, fazemos uma leitura do momento difícil que vivemos. O ano de 2019 mal começou e já tivemos algumas tristezas no nosso país. Falaremos um pouco sobre mineração no texto “Quantas toneladas exportamos de ferro? Quantas lágrimas disfarçamos sem berro?”. O espaço da formação chega até às nossas fraternidades com os seguintes temas: Empatia Franciscana, O olhar atento de Francisco; Diversidade, pluralidade e marginalização, “O amor não é amado” e Diálogo Inter-religioso e Ecumênico: Uma Conversa para Combater a Intolerância.

Tenho a firme certeza de que serão materiais valiosos nos nossos momentos formativos, nas nossas rodas de conversa. E ainda não acabou! Vamos ficar por dentro do documento final do Sínodo da Juventude, refletir sobre o diálogo que transmite a ternura de Deus, além dos espaços da Animação Fraternal com a reflexão sobre Diálogo entre as gerações, “Ó mestre, que eu procure mais compreender do que ser compreendido” e da Assistência, com a mensagem tão terna de ser menor e servir: Eis a nossa Missão!

As duas prioridades do nosso triênio também fazem parte dessa riquíssima edição. A IMMF continua nos provocando para ações para que seja uma prioridade constante nas nossas fraternidades, nos diversos níveis. Finanças, com a mais nova publicação de um Manual exclusivo, conversa um pouco sobre o dom da partilha que é a contribuição fraterna.

Por fim, o espaço mais lindo do nosso Caderno: o encarte da IMMF, com o tema “Símbolos Franciscanos”. Rendemos louvores ao Altíssimo pelas inúmeras bênçãos na nossa caminhada e, motivados/as pelo tema do nosso Congresso, somos convidados a assumir com convicção o dom da profecia, assumir a nossa juventude enquanto forma de anunciar e denunciar. Somos convocados, à luz do carisma, a sermos autênticos seguidores de Francisco, Clara e Rosa na construção do mundo mais justo, humano e fraterno. Somos desafiados a sermos rios e fontes, que, por onde passam, fazem germinar a terra, fazem crescer a planta, sendo o alento de Deus a quem tem sede, de água e de justiça.

**Juliana Caroline Gonçalves Almeida
Secretária Nacional de Formação (2016-2019)**



“Vamos começar a servir a Deus, meus irmãos/ãs, porque até agora fizemos pouco ou nada” (1Cel 103, 3)



O LOBO DE GÚBIO E O LOBO DE NÓS



Magno Robério Almeida

Secretário Regional de DHJUPIC da JUFRA NEB1 PE/AL (2016-2019)
Jufriستا professor da Fraternidade Estrela de Assis e Fraternidade Santa Isabel da Hungria (OFS) Triunfo/PE

Em uma certa cidade chamada Gúbio, ao norte da Itália, um lobo feroz estava atacando e devorando animais de criação e pastores, amedrontando todos/as que lá viviam. Era seguro dentro dos muros da cidade, que a cercavam, mas para fora tornava-se um perigo para quem se colocasse, mesmo que estivesse armado.

Numa de suas incursões à região da Úmbria, São Francisco chegou a morar nessa cidade que tal fera assustava. Então, sabido que a população não tinha mais coragem para sair da cidade enquanto esse medo rondava, São Francisco se pôs a caminho, ao encontro do grande, terrível e feroz lobo, movido pela compaixão por aquele povo e “pondo toda sua confiança em Deus”. Chegando lá, vendo o lobo correndo de boca aberta vindo em sua direção, fez o sinal da cruz e acalmou-o com tal gesto, disse-lhe: “Irmão Lobo, tu fazes muitos danos nesta terra, e grandes malefícios, destruindo e matando as criaturas de Deus sem sua licença; e não somente mataste e devoraste os animais, mas tiveste o ânimo de matar os homens feitos a imagem de Deus; pela qual coisa és digno da força, como ladrão e homicida péssimo: e toda gente grita e murmura

contra ti, e toda esta terra te é inimiga. Mas eu quero, Irmão Lobo, fazer a paz entre ti e eles; de modo que tu não mais os ofenderás e eles te perdoarão todas as passadas ofensas, e nem homens nem cães te perseguirão mais” (I Fioretti, Fontes Franciscanas – Ed. Vozes/1991).

Após isso, em movimento de calda, cabeça e orelhas, era como se o lobo tivesse entendido o Santo de Assis, em sinal de aceitação selando acordo de paz ao dar-lhe a pata direita. Francisco também havia dito que a partir daquele momento os moradores de Gúbio ficariam com o compromisso de dar comida à fera, agora, amansada. Saindo de lá, entrando pelos muros e chegando à cidade, Francisco e o lobo repetiram o mesmo ato, desta vez, diante de todos/as e apesar de toda a surpresa, com o lobo aceitando e repetindo o gesto de paz.

O lobo não fez mais mal algum aos/as moradores/as, e estes/as o nutriam adequadamente, por dois anos, até a sua morte por velhice.

O acontecido em Gúbio entre Francisco e o Lobo é visto como uma lenda, de concreto mesmo somente a

escultura em bronze na cidade que reproduz a cena. Os capítulos “Fioretti”, nas Fontes Franciscanas, é uma história contada e escrita por frades que acompanharam Francisco em diversos momentos, porém como o nome sugere, é um pouco mais “floreada” ou enfeitada, que inclui elementos ou passagens que não necessariamente tivessem acontecido de fato.

Sendo um fato histórico ou não, se assim for uma alegoria, a verdade é que leva a pensar sobre quem seria o lobo e o povo de Gúbio nesse contexto, e a se questionar sobre o conflito em que o ódio ganha terreno fértil para seu surgimento e crescimento. Se de um lado temos um animal que ataca e mata ferozmente, do outro temos um povo que perseguindo-o queria resolver a situação matando aquele que os atacava, quando na verdade o animal tinha fome. Diante desse cenário, surge a figura de um homenzinho simples que se coloca a serviço do povo e resolve enfrentar a fera, mas não com armas ou sede de vingança, mas sim nutrido de amor e compaixão para com o povo e buscando entender as reais motivações do lobo, enxergando-o também como irmão, uma criatura de Deus.

Um certo frade, chamado Frei Zezinho, uma vez disse que temos um lobo de Gúbio dentro de nós. No tempo, isso me chamou atenção, embora que cobrado pela minha própria dúvida só pude começar a compreender a grandeza dessa simples fala tempos após ter sido dita, ouvida, na busca de seu entendimento. Leva a refletir como tem sido a nossa passagem pelo mundo nos dias de hoje. Temos uma vida por vezes turbulenta e tumultuada, de atropelos, perda de sentido da vida ou modo como somos ou estamos com Deus, conosco e com as outras pessoas. Embebecidos/as de imediatismos por uma sociedade da exaltação do ter em detrimento do ser, que com o passar dos dias nos joga nesse furacão de “produção”, cobranças, padrões, consumismo, que nos angustia em des(esperança) em relação ao mundo e a nós mesmos, aos poucos vamos perdendo o saborear da vida, o “olho no olho” de cada irmão/ã a cada fala, escuta e atenção. Além do lobo, também podemos ter o povo de Gúbio dentro de nós.

Esse risco do qual corremos, começa dentro de nossas casas, a primeira fraternidade como dizem, em que nós temos a partir do momento quando somos chamados/as por Deus a responder ao dom da vida que Ele nos concedeu e confiou as nossas mães, pais, irmãos/ãs para estarem ao nosso lado. Por muitas vezes esse mundo que nos angustia por tantas contradições, injustiças e falta de paz nos leva a ter atitudes semelhantes às do lobo e do povo de Gúbio, até mesmo dentro de nossas famílias.

Por vezes, sem compreender

as implicações de palavras e atitudes que podem magoar, sem querer, assumimos tal postura de algozes dos outros e de nós mesmos, quando respondemos mal, somos grosseiros, discordamos, esbravejando, ou não damos a atenção que as outras pessoas merecem, também podendo acontecer nos ambientes de trabalhos, estudos, relacionamentos, círculos de amizade, diferentes espaços. Quando isso acontece é porque perdemos ou nos distanciamos da essência de sermos “um com Deus, conosco e com os irmãos/as”, quando não nos motivamos a buscar viver essa comunhão. Sem espiritualidade perdemos o sentido de vida. É muito difícil nadar contra a corrente em um mundo barulhento, onde para alguns o ódio surge como resposta-arma pronta para tirar quaisquer problemas de nossos caminhos, quando nos isentamos de compreender a completude que nossas ações podem gerar.

Para nos re(conectarmos) a essa essência precisamos fazer um deserto dentro de nós mesmos com o ato de nos retirarmos dessa turbulência do mundo atual, nos despojando da casca envelhecida pela falta de vida que nos envolveu e que agora temos a oportunidade a cada dia de buscar viver esse processo de conversão ressurgindo como pessoas melhores. Ter humildade e consciência de nossas limitações ao silenciar para ouvir a voz de Deus que ressoa como a voz do nosso coração é um ato de escuta ao mundo também, buscando compreender os problemas que lá existem, buscando perceber do que estamos

famintos e sedentos. É um desafio constante buscar viver em fraternidade, harmonia, amor e paz nas nossas casas, relacionamentos, amizades, estudos e trabalhos durante nossas vidas. A gratidão a Deus e às pessoas que estão e passaram por nossas vidas é um sinal de esperança que podemos compartilhar com o mundo. O Francisco de Roma, o Papa, desde o início de seu pontificado nos convidou para vivenciar a instância do Cuidado em todas as dimensões da vida. Essa busca por entender e viver o Cuidado é algo que deve permear nossas vidas em todos os momentos. Esse mesmo Cuidado o Francisco, agora o de Assis, se colocou a serviço para cultivar no coração do lobo e do povo em Gúbio quando se propôs ao tornar o diálogo possível, amansando cor(ações) dos dois lados. Talvez a chave para nos reencontrarmos seja o silêncio e a busca. O silêncio para perceber e a busca para praticarmos, afim de que tanto o lobo, quanto o povo de Gúbio dentro de nós seja amansado, nos libertando e encontrando a paz interior.

REFERÊNCIAS

Fontes Franciscanas. I Fioretti, – Ed. Vozes/1991.

PARLANDO DI ITALIA. Gubbio, a segunda casa de São Francisco. Disponível em: <http://parlandoditalia.blogspot.com/2012/05/gubbio-segunda-casa-de-sao-francisco.html>. Acesso em: 16 dez 2018;

POST ITALY. Gubbio: Úmbria medieval que encanta. Disponível em: <https://post-italy.com/gubbio-umbria-medieval-que-encanta/>. Acesso em: 16 dez 2018.

Juventude e Profecia: Águas para a Vida XVII Congresso Nacional da JUFRA do Brasil



Emanuelson Matias de Lima, OFS/JUFRA
Conselheiro Internacional da JUFRA América do Sul / CIOFS
Assessor Nacional da JUFRA do Brasil para Registro e Arquivo

Entre os dias 1º e 05 de março, na cidade de Anápolis, Goiás, foi celebrado o XVII Congresso Nacional Ordinário da Juventude Franciscana do Brasil. O Congresso contou com a participação de aproximadamente cem irmãos e irmãs representantes de todos os 18 Regionais. A temática principal foi assessorada por Roberto Malvezzi (Gogó), que apresentou um panorama da questão da água no Brasil e no mundo, e em seguida os presentes compartilharam suas experiências de infância e atuais com as águas.

Organizados em seis grupos, denominados com os nomes dos Rios Amazonas, São Francisco, Paraopeba, Paraguai, Iguaçu e Parnaíba, os participantes discutiram e apontaram desafios e propostas concretas com foco nas Fraternidades Locais nos eixos de Expansão, Comunicação e Novas Lideranças. Em plenária, também foram apresentados os “Bons ventos da IMMF”, trazendo o processo e as discussões em torno das Escolas de Formação e Infância, Micro e Mini Franciscanos.

Todos os Regionais apresentaram os seus Relatórios a partir dos avanços, dificuldades e perspectivas, demonstrando como foram trabalhadas as três prioridades do Triênio 2016/2019, o serviço de IMMF, a formação para a gestão econômica das Fraternidades e as propostas do Seminário Nacional em Ação Evangelizadora e DHJUPIC. Também o Secretariado Fraternal Nacional apresentou as atividades realizadas ao longo do Triênio a partir das Prioridades, Resoluções e Recomendações.

Um dos pontos mais importantes no CONJUFRA foi a Celebração dos 35 anos do Acordo de Anápolis (1984/2019), hoje Diretório das Mútuas Relações OFS/JUFRA, celebrando a Animação Fraternal como uma das grandes riquezas da JUFRA do Brasil. Em comemoração aos 800 anos do Encontro entre São Francisco e o Sultão, foi realizada uma bonita Celebração Inter-religiosa pela Superação da Violência, com representantes do Islã, da Umbanda, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana e da Igreja Católica, orando juntos pela Paz.

O Congresso também elegeu o novo Secretariado Fraternal Nacional da JUFRA do Brasil para o Triênio 2019/2021, que foram: Douglas Soares (Bom Conselho-PE) Secretário Fraternal Nacional, Adrielly Alves (Santarém-PA) Secretária Nacional para a Área Norte, Mayra Caroliny (Teresina-PI) Secretário Nacional para a Área Nordeste A, Patrick Martins (Vitória da Conquista-BA) Secretário Nacional para a Área Nordeste B, Débora Patrícia (Anápolis-GO) Secretária Nacional para a Área Centro-Oeste, Mateus Garcia (Franca-SP) Secretário Nacional para a Área Sudeste e Gabriela Consolaro (Florianópolis-SC) Secretária Nacional de Formação. Também foram indicados nomes para a Animação Fraternal e Assistência Espiritual. A Equipe nomeará os responsáveis pelas Secretarias de DHJUPIC, Ação Evangelizadora, Finanças, Comunicação Social/Registro/Arquivo e Infância, Micro e Mini Franciscanos.



A JUFRA do Brasil celebrou com muita festa e compromisso este XVII CONJUFRA, escolhendo como prioridades do Triênio 2019/2021: Expansão e fortalecimento das fraternidades locais da JUFRA e IMMF; Serviço de Comunicação Social, Registro e Arquivo; e Jubileu de Ouro da JUFRA do Brasil. Na mística das águas, à beira do poço, encontramos uma juventude comprometida com a profecia no hoje da história... e assim bebemos das "águas de março fechando o verão...".



ENTREVISTA

Moema Maria Marques de Miranda é antropóloga, com Mestrado em Antropologia Social, pelo Museu Nacional, UFRJ. Atualmente é coordenadora do projeto “Diálogo dos Povos – Uma articulação Sul-Sul”, com a participação de entidades e redes da América Latina e da África. Integra o Comitê Nacional em Defesa dos Territórios Frente à Mineração. Participa do Grupo Impulsor da Rede Iglesias y Minería, da Coordenação Nacional do Serviço Interfranciscano de Justiça Paz e Ecologia (SINFRAJUPE) e da Assessoria da Rede Eclesial Pan-Amazônica, REPAM. É professa na Ordem Franciscana Secular, Fraternidade do Convento de Santo Antônio do Largo da Carioca, Rio de Janeiro.

Nossa entrevista retorna com uma irmã muito especial que já contribuiu de forma significativa com esse espaço. Moema Miranda partilha sobre a situação da Amazônia e explica os motivos para o Sínodo, esse importante momento que nossa Igreja que está construindo e vivenciando. Confira na íntegra a Entrevista desta edição elaborada pelos/as nossos/as jufristas desta região.

1. O Papa Francisco apresenta em seus discursos um forte apelo pela sustentação de uma ecologia integral, cabe aqui trazer à memória a encíclica Laudato Si’, e agora, o Sínodo da Amazônia traz o tema: “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. Frente a esse posicionamento claro da Igreja, qual é a postura ou quais diretrizes devem ser esperadas como resultado desse Sínodo para a efetivação de uma vivência dessa ecologia integral na Pan-Amazônia?

Estamos vivendo o Sínodo para a Amazônia como um kairós, um tempo abençoado para nosso compromisso de conversão ecológica, a conversão profunda que os tempos que vivemos exigem e que o Papa Francisco nos propõe, especialmente a partir da Encíclica Laudato Si’.

O processo Sinodal foi aberto pelo Papa em reunião com povos indígenas, na cidade de Porto Maldonado, no Peru, em janeiro de 2018. Naquela ocasião o Papa, após ouvir um discurso muito forte dos e das representantes dos povos, afirmou que a “Amazônia é terra disputada” pela “avidez do agronegócio, mineração, pecuária”, e que nunca os indígenas estiveram tão ameaçados quanto agora. O Papa fez, também, um apelo comovente para que nós, como Igreja, nos deixemos “evangelizar” por estes povos que, vivendo há milênios na floresta, tem com ela integração harmoniosa, de mútuo cuidado: “nós cuidamos da terra e a terra cuida de nós”.

Este chamado deu o sentido de todo o processo de “escuta sinodal”: entre julho e dezembro, mais de 250 atividades, entre Assembleias, Rodas de Conversas e Fóruns foram realizadas pela REPAM, a Rede Eclesial da PanAmazônia, envolvendo praticamente todas as dioceses da Amazônia brasileira e a maior parte dos outros oito países, que compartilham o bioma Amazônico, com grande participação de povos indígenas, ribeirinhos, quilombolas, jovens e mulheres. Nestes caminhos, escutamos com insistência a referência à importância da presença da Igreja da Amazônia junto aos povos e suas lutas e o reconhecimento de sua atuação profética, marcada por muitos mártires como Ir Dorithy, Pa Josimo, Irmão Vicente Canas, entre tanto outros. Mas, também, escutamos críticas duras, que exigem de nós humildade e pedido de perdão.

Mais importante, os povos e grupos ouvidos pedem a presença reforçada e próxima da Igreja ao seu lado, parceira em suas lutas. Não abafando sua voz, mas somando com eles em atitudes de defesa da vida frente à avidez do capital e dos grandes projetos que, na maioria das vezes, contam com a conivência dos governos. Clamam e esperam que uma Igreja com rosto amazônico seja peregrina, missionária e misericordiosa. Aberta e fraterna. Uma Igreja inculturada, que fale e escute. Uma Igreja marcada pela itinerância e presença, proximidade e constância! Uma Igreja acolhedora,

feminina e jovem! A presença forte e constante das mulheres e dos jovens em todos os aspectos da vida da Igreja na Amazônia, abre todo um capítulo de sugestões para que seja reconhecida, apoiada e valorizada.

Este é um Sínodo Universal, sobre uma região particular. Uma região vital para o mundo!

Esperamos que as etapas seguintes do processo Sinodal, que agora está na fase de elaboração do Instrumento Laboris, em preparação para a Assembleia Sinodal, em outubro de 2019, sejam tão intensas quanto a primeira parte da caminhada. Esperamos que este seja um Sínodo que ajude a consolidar a sinodalidade como forma de ser de nossa Igreja!

É essencial que todos e todas nós acompanhem e participemos desta caminhada: compartilhando informações, organizando reflexões e nos mantendo em oração!

2. Reconhecendo a importância da floresta Amazônica e da cultura indígena para o mundo, após o Sínodo, como deverão ser refletidas as mudanças na evangelização para esses povos, levando em consideração a necessidade de compreensão da inculturação durante o processo de evangelização?

Os povos indígenas já viviam na Amazônia há milênios quando chegaram



os colonizadores. Desenvolveram aí modos de vida em relação harmoniosa e sustentável com a floresta, rios e animais. A vinda dos “de fora” não foi uma “boa nova” para os povos originários: muitos foram dizimados, sacrificados, expropriados e escravizados.

Reconhecendo que a Igreja Católica fez parte desta dinâmica, especialmente após o Concílio Vaticano II, teve início um profundo processo de conversão. Dom Pedro Casaldaglia, ao lado de outros bispos, de leigos e leigas, de missionários, irmãs e irmãos, no começo dos anos 70, teve papel muito importante nesta nova dinâmica. Nascia uma igreja de base, buscando a inculturação e a defesa dos direitos dos povos. Os documentos da Igreja da Amazônia, começando por Santarém, em 1972, devem ser lidos e estudados: são ainda hoje inspiração para a caminhada.



Os mártires da Igreja da Amazônia testemunham a profundidade deste compromisso. Evangelizar, ou seja, “anunciar a Boa Nova de Jesus”, passou a ter uma diferente expressão, novo compromisso e sentido. A experiência das Irmãzinhas de Fucoult junto ao Povo Tapirapé é um dos exemplos mais comoventes desta nova presença evangelizadora. De um povo praticamente em estado de extinção nos anos 60, hoje temos aldeias que somam mais de mil pessoas, com escolas em língua própria, com professores indígenas, rituais e celebrações de sua espiritualidade, saúde e um conjunto de projetos, além da luta e vitória pela demarcação de suas terras. A conquista da terra, essencial para os

povos indígenas, foi acompanhada pelas Irmãs que tiveram presença constante durante aproximadamente 50 anos junto aos Tapirapé. Evangelizar, aqui, significou ser presença cristã, seguindo Jesus de Nazaré, ao lado dos que lutam pela vida.

No processo de escuta em preparação ao Sínodo para a Amazônia, emergiu com clareza a importância do estímulo ao clero autóctone mas, também, a relevância de uma liturgia e catequese que integrem a cultura local, seus valores e princípios. Evangelizar é, portanto, um diálogo de presença e compromisso, com uma pastoral de proximidade e missionários/as que falem as línguas dos povos com quem trabalham. Evangelizar será sempre, também, aprender a desaprender: abrir mão e revisar concepções que contribuíram para a colonização e a escravização. Assim, lemos no Documento Preparatório para o Sínodo da Amazônia: “Queríamos pedir com as palavras do Papa Francisco aos povos da Amazônia: ‘Ajudai vossos Bispos, ajudai vossos missionários e vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena. Com este espírito convoquei o Sínodo.’”

Mas a Amazônia não é feita apenas dos povos indígenas! Então, nosso papel evangelizador deverá ser, cada vez mais, a exemplo de Jesus de Nazaré, o de contribuir para o diálogo e a aproximação entre os diversos grupos sociais ali presentes: quebradeiras de coco, camponeses e camponesas, moradores das cidades, juventudes. Neste encontro e em comunhão, nascerá o projeto evangelizador, o que levará a boa nova de Jesus de Nazaré para os pobres e para a floresta e uma Igreja com Rosto Amazônico!

3. A CNBB propôs como tema para reflexão da Campanha da Fraternidade 2019 “Fraternidade e Políticas Públicas”, em que sentido esse tema é congruente com o tema do Sínodo para a Amazônia no que tange a proposta de estímulo à um desenvolvimento integral e inclusivo

da Pan-Amazônia e qual deverá ser o papel da igreja neste intermédio?

O tema da CF deste ano é desafiador! Ainda mais levando em conta o momento político, social e econômico que vivemos no país, com grande risco para a democracia, evidenciado pelo retrocesso e pela fragilização da legislação social e ambiental, arduamente conquistadas pelo povo brasileiro. Os riscos em relação aos direitos indígenas são particularmente alarmantes. A concepção retrógrada de que desenvolver é devastar e de que agronegócio, monocultura e mineração podem gerar progresso, retorna com lamentável força ao cenário político.

O Papa Francisco tem sido extremamente claro em suas exortações, encíclicas e posturas, indicando a importância de um sentir com a terra e com os pobres e de desenvolvermos um olhar com horizonte mais largo do que os curtos calendários eleitorais. A Igreja do Brasil, em comunhão com o Papa Francisco, vem se afirmando como defensora da democracia e dos direitos dos povos. Estimulados pelo Sínodo e pela CF, devemos todos, Povo de Deus e seus Pastores, nos colocar mais que nunca no seguimento ao caminho de Jesus: com os pobres e em sua defesa. Nossa jovem democracia terá que provar seu valor e a Igreja, em suas múltiplas pastorais e organismos, seguindo o chamado de seu Pontífice, deve estar em saída, ao lado dos defensores dos direitos humanos, ambientais e sociais.

4. A expressão “indigenista”, em termos gerais, é pensada como práticas e reflexões exógenas aos povos indígenas, sendo, portanto, pensadas para eles e não por eles. Como seria possível propor a construção de uma “Pastoral Indígena” – onde estes pudessem traçar a partir de sua cosmovisão transcendental as diretrizes a serem desenvolvidas nas aldeias – e não “Indigenista”?

A Igreja Católica no Brasil tem no Conselho Indigenista Missionário, CIMI, uma bela experiência de diálogo e respeito aos povos indígenas. Colocar-se em escuta,

aprender com eles, estar ao seu lado nas lutas. Em muitas Dioceses, nos últimos anos, começaram a se desenvolver pastorais indigenistas. É mesmo um grande desafio o de descolonizar nossa concepção, nossa mente, nossa liturgia e catequese. Assim, afirma o Documento Preparatório para o Sínodo: “Como Igreja somos chamados a fortalecer o protagonismo dos próprios povos. Precisamos de uma espiritualidade intercultural que nos ajude a interagir com a diversidade dos povos e suas tradições. Devemos somar forças para cuidarmos juntos de nossa Casa Comum”. Acredito que este seja o caminho novo que o Sínodo abrirá, o caminho da comunhão e do encontro. Daí emerge uma pastoral dialógica, respeitosa e verdadeiramente inculturada

5. Muitas vezes, quando se fala em Amazônia, subentende-se um território composto por florestas e matas, apenas, e onde predominam povos nativos com pouco acesso às informações holísticas acerca do mundo dito globalizado. Por muito tempo, essa foi a visão que o mundo teve da Amazônia, ou melhor dizendo, da Pan-Amazônia, mas cabe ressaltar que dentro desse território há grandes cidades com milhões de habitantes, interagindo com povos que subsistem com sua economia ainda embasada em atividades produtivas herdadas dos indígenas nativos. A seu ver, é possível se alcançar povos tão distintos dentro de um mesmo território, e de que forma? Como fazer com que a igreja atinja a todas essas realidades e os faça se sentir parte de um mesmo povo?

A diversidade de povos e realidades da Amazônia é, sem dúvida, um enorme desafio para a Igreja. Um bioma mega-diverso também em suas populações, povos indígenas, camponeses, ribeirinhos, moradores de grandes e pequenas cidades. Migrantes que vieram do Nordeste, no ciclo da borracha nos anos 40/50, formando famílias de seringueiros; migrantes do sul do Brasil, vindos na década de 60/70, onde o lema do governo era “integrar para não entregar” e desmatar era sinal

de integração. Enfim, esta diversidade se expressa, às vezes de forma conflitiva, dentro da Igreja. Cidades que crescem rápida e desordenadamente; periferias que se formam, acumulando uma população deslocada e desalojada, muitas vezes migrante. Cidades que acumulam feridas e violência em larga escala. Hoje, talvez mais do que nunca, projetos de ocupação e presença na Amazônia estão em conflito. Os tempos exigem de nós a defesa dos que estão sendo massacrados e desrespeitados pelos projetos dirigidos pelo interesse de lucro e enriquecimento de poucos, espalhados pelos campos e periferias das cidades. A isto se referia o Papa em Porto Maldonado, como disse acima: "A Amazônia é terra disputada."

Se formos capazes de nos colocar em uma postura de conversão, reconheceremos, como diz o Papa, que não se trata apenas de realizar pequenos ajustes no modelo de produção, consumo e descarte hoje hegemônico. Trata-se da necessidade imperativa de "redefinir progresso"! Urbanizar de forma desordenada, com cidades mega inchadas, não pode representar qualidade de vida ou "desenvolvimento".

Se a Igreja responder positivamente ao apelo do Papa, podemos ter um papel vital na Amazônia. O conflito não deveria ser entre estar ou não conectados com o mundo. Muitos indígenas o estão: tem redes de comércio sustentável; manejam estações de rádios, frequentam a universidade, tem conexão e internet em suas aldeias! Aliás, eles são, como afirma o CIMI, "esperança de futuro" e não povos que vivem em algum do lugar do passado, arcaicos e estacionados no tempo. Também o conflito não deveria se dar entre ter ou não acesso à educação, saúde e políticas públicas. Estas deveriam estar disponíveis na cidade, no campo e na floresta.

Feita a opção de estarmos ao lado dos pobres e da terra, teremos condições de contribuir para a conversão não apenas dos e das católicas, mas da sociedade. E conversão implica, também, em diálogo, mediação, busca de pontos em comum, na diversidade. As diferenças nos enriquecem,

nos ajudam a ser mais amplos, mais católicos. O grande problema são as desigualdades, as que enriquecem poucos ao custo da exploração e expropriação de muitos.

A escolha por ouvir o "grito da terra e o grito dos pobres" nos fará abrir um caminho de compreensão mútua, e nos levará a pensar juntos o novo modelo urbano que desejamos. Que cidade pode ser acolhedora para recém-chegados e migrantes? Como criar comunhão e intercâmbio entre o campo, a floresta e as cidades? Como garantir acesso à educação e saúde no campo e na floresta, tanto quanto nas cidades? É um novo projeto de vida em sociedade o que estamos chamados a construir!

6. No Brasil, a Amazônia Legal é composta por 9 Estados (RR, AP, AM, AC, PA, TO, RO, MA e MT), apresentando ineficiente proteção em suas barreiras territoriais, tornando-se assim alvos fáceis para o tráfico de drogas, animais, órgãos humanos, trabalho escravo, desmatamento. A Igreja, tomando conhecimento disso, já elevou a discussão à esfera nacional abordando esse tema em Campanhas da Fraternidade em anos anteriores. Como o Sínodo visa a abordar esses assuntos "sombrios", mesmo que já abordados anteriormente, e expandir a discussão para que atinja governos e órgãos competentes, e ganhe a proporção midiática devida, haja vista a persistência do problema?

Os temas desta pergunta são da máxima relevância e falam do que o Papa vem chamando "periferias existenciais", resultado de um sistema social e econômico em profunda crise. O Sínodo para a Amazônia, no entanto, como temos afirmado, é um encontro da Igreja. Um chamado do Papa a repensar seus caminhos, para que se faça mais próxima, mais samaritana e mais comprometida com estes gritos e com todas as periferias. Ao fazer isto, deve preparar os católicos e católicas para se fazerem presentes na vida pública, assumindo compromissos claros com o bem comum. Como o Papa

afirma na Encíclica Laudato Sí, “a política é a forma mais elevada de amor civil.”. Temos, como cidadãos e cidadãs, que pautar em nossas diferentes instâncias de participação os “assuntos sombrios” aqui mencionados. Mas eles dependem, antes de tudo, de nossa atitude cidadã, cívica. O Sínodo, durante o processo de escuta, ecoou o grito que vem de muitas destas realidades. Em muitos casos, a Igreja já tem um ator importante, com iniciativas como a Rede Um Grito pela Vida ou a ação de Caritas na crise migratória.

Se Sínodo não pode atuar de forma direta em relação a cada um destes temas, deve contribuir para uma Igreja mais ministerial, mais participativa e que contribua de forma mais clara na formação de cidadãs e cidadãos que assumem sua responsabilidade política com o bem comum.

7. Internacionalmente a Amazônia, em especial os Estados do Amazonas e do Pará, são alvos de empresas multinacionais. Em poucos anos houve uma superpopulação dessas duas metrópoles devido à imigração venezuelana, que ocorreu também em outros estados do Norte. É possível perceber a preocupação da Igreja em prestar auxílio a essas pessoas sem, entretanto, contar com apoio de governos, vale ressaltar que Roraima possui apenas uma diocese. Como conceber nas principais cidades desses estados, a presença de um projeto Nacional de acolhida, suporte e cuidado com irmãos e irmãs que vivem na Pan-Amazônia? Que sofreram o impacto da mudança de País, cultura, língua e que ainda hoje não possuem condições de subsistência independentes.

O tema dos migrantes é hoje uma ferida aberta na Amazônia! Vemos com lamento e tristeza que nosso país não estava preparado para esta realidade e que, infelizmente, os governos têm acumulado erros, descaso e descuido em sua forma de lidar com a questão. A Igreja tem sido – com todas as suas limitações – a grande

entidade de acolhida, de expressão de carinho, respeito e solidariedade. Um enorme esforço evangélico e samaritano pode ser visto hoje na Igreja de Roraima. Mas este não deve seguir sendo um tema apenas local. É urgente que a Igreja do Brasil se faça solidária: precisamos de processos de interiorização e acolhida em todos os estados. Esta dinâmica, infelizmente, dada nossa crise nacional, tem sido muito mais moroso do que desejaríamos.

8. Qual o papel do jovem e da mulher na construção dos novos caminhos para a evangelização na Amazônia? Como conferir à Igreja um rosto feminino e jovem que aproxime os excluídos e marginalizados?

A Igreja na Amazônia tem um rosto feminino: são as mulheres que acompanham suas comunidades, animam as festas, as rezas, os terços; estão presentes nas pastorais e no dia a dia da vida eclesial. Foi comovente ver que, embora houvesse apenas uma pergunta sobre o papel das mulheres, esta foi uma das questões mais respondidas, em um uníssono: esta presença deve ser reconhecida, valorizada, apoiada. É essencial que este reconhecimento se expresse em uma Igreja mais aberta, mais próxima às suas bases, onde os espaços de poder e de decisão sejam compartilhados, como expressão da vida eclesial ministerial. Como afirma a teóloga Maria Soave, do Cebi, em documento de contribuição ao processo sinodal: “Os ‘novos caminhos da Igreja na Amazônia’ devem ser OUSADOS e passam pela conversão ...precisamos fazer passos de desconstrução de hierarquia e clericalismo. Precisamos afirmar como ato revolucionário de fé que o Princípio, a “arché” da Igreja, seu fundamento, é o Cristo Servo, não o Cristo-Cabeça, o governo vem do e pelo SERVIÇO, da e pela DIACONIA! Os bispos precisam habitar humildemente a pergunta a respeito da “natureza” hierárquica da Igreja (com isto se justifica uma forma colonial e violenta de desigualdades). Como seria uma igreja de avental onde a “natureza” é em Jesus Cristo uma comunidade de iguais, na reciprocidade, na prática humilde de uma ecologia integral e eclesial.” Nesta Igreja,

o lugar de mulheres é ao lado de homens que se põe a caminho, no seguimento de Jesus.

O que refletimos sobre o papel das mulheres ressoa também em relação às juventudes amazônicas: ricas, diversas, atuantes! A Igreja com rosto amazônico precisa ser jovem e acolhedora! Os jovens têm assumido lugar fundamental na busca de alternativas, de conversão e de novos caminhos. Precisamos de uma profunda e mística solidariedade intergeracional. O mundo que nós, adultos, estamos deixando para os jovens é mais cruel e mais perigoso do que aquele que herdamos de nossos avós. Não temos como nos salvar sem esta comunhão com os que são já os herdeiros dos desafios contemporâneos. A Igreja deve ser exemplo de acolhimento, partilha, berço de novas lideranças, espaço de aprendizado comum. Isto só pode ser feito com os jovens, atuantes e sujeitos do presente e do futuro.

9. Para finalizar, gostaríamos de saber o que São Francisco de Assis, padroeiro da ecologia e homônimo do Papa que convocou o Sínodo para a Amazônia, inspira a ser tomado por referência para a construção desses novos caminhos para a Amazônia?

Na Encíclica *Laudato Sí* o Papa Francisco demonstra sua compreensão profunda da essência da mensagem e do carisma franciscano. Afirma com lucidez que não se trata de uma visão romantizada, de um São Francisco que perde seu ardor de denúncia de injustiças e pregador da profunda verdade do Amor: somos todas e todas irmãs, em uma fraternidade cósmica que tem apenas um Pai. Um "Altíssimo, onipotente e bom Senhor"! A fraternidade universal nos ensina o valor intrínseco de cada um dos seres criados: todos juntos louvam com sua existência o Criador. Mais ainda, ao fazerem este canto de louvor, nos ensinam a mais amar! Cada estrela, rio e flor tem uma mensagem divina, mensagem de amor, de fraternidade e beleza. Como nos aproximamos das cosmologias indígenas, que percebem, escutam e compreendem o que lhes dizem as árvores, os igarapés, a lua e as estrelas!

São Francisco é a expressão cristã desta grande sabedoria de Vida: tudo está interligado!

É este saber-se parte de algo infinitamente maior que cada um de nós que, no carisma franciscano, nos ensina que na minoridade, está o lugar para habitar um planeta tão belo, tão desafiante e cheio de maravilhas. Preenchidos por este amor, animados por esta presença que se faz irmã, teremos menos necessidade de um consumo ilimitado! O Papa nos diz que a "sobriedade feliz" não é ter menos, mas deixar mais espaço para o que verdadeiramente importa! Que mensagem mais franciscana: pobreza não como ascese, não como autopunição, mas como confiança absoluta na Providência e no Amor de Deus, que habita o mundo! Somos efetivamente inspirados com São Francisco a sermos mais amazônicos: interculturais, missionários e peregrinos! Com a graça do bom Deus, nos ponhamos a caminho, pois ainda há muito a fazer!



**Fórum Franciscano
para o Sinodo
Pan-Amazônico**

**Perspectivas e desafios para a
Conferência da Família
Franciscana do Brasil**

DIAS 04 a 06 de julho de 2019
LOCAL Centro Diocesano
Manaus - AM

www.cffb.org.br
INSCRIÇÕES ABERTAS



JUFRA NA CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2019



Quaresma é tempo de conversão, pessoal e social, a Deus e aos irmãos. Todos os anos a Igreja no Brasil vivencia os apelos de conversão social, propostos pela CNBB, na Campanha da Fraternidade. Este ano nos traz um tema muito abrangente, mas muito pertinente: Fraternidade e Políticas Públicas. Iluminado pelo grito profético de Isaías que nos diz: “Serás libertado pelo direito e pela justiça.” (Is 1, 27) Suponho que para analisar o assunto seja necessário resgatar o sentido da palavra “política”, para após adentrar nas “políticas públicas” e sua diversidade. E assim trazer uma reflexão de como podemos contribuir no processo de elaboração e reivindicação de políticas públicas, enquanto seguidores do evangelho de Jesus Cristo e de São Francisco de Assis.

Política e Políticas Públicas

Atualmente vivenciamos uma crise política em nosso país. Sobretudo uma crise de representatividade na política. O modelo de democracia representativa, onde escolhemos pessoas que deveriam refletir nossos anseios e demandas, tem mostrado uma grande limitação. E quando surgem escândalos de corrupção, tudo se agrava e se torna uma crise ética.

Por isso é tão comum ouvir as pessoas falarem que não gostam de política. Esta palavra atualmente ganhou muitos significados e acabou se desviando de seu sentido original. Política vem do grego politikós, que se refere a



Lucas Tadeu Rodrigues Lins

Fraternidade Sagrado Coração de Jesus
Secretário Regional de DHJUPIC (NE A2 CE/PI)

“pólis”, lugar onde os gregos tomavam decisões em vista do bem comum. Bem comum que aqui pode ser traduzido como a “vida para todos, e em abundância” (Jo 10, 10).

“Chegou o tempo da política!” Quem nunca ouviu esta afirmação? Sempre fazendo referência ao período eleitoral. Isso demonstra que ultimamente a política tem se resumido apenas a um processo de quatro em quatro anos, onde elegemos os “políticos”. Acabamos esquecendo que todos somos seres políticos e que a política vai muito além das eleições.

A política está em nosso cotidiano, está no crescimento da violência, na lotação dos transportes públicos, na fila dos hospitais, nos crimes ambientais e em tantas outras situações. Diante disso, vamos ficar de braços cruzados, aguardando que os “políticos” solucionem os problemas? A resposta é não. O sistema político brasileiro nos dá alguns instrumentos de participação direta na conquista e construção de políticas públicas.

Mas o que são políticas públicas? Políticas Públicas, portanto, são soluções específicas para necessidades e problemas da sociedade, é a ação do Estado que busca a segurança e a ordem, por meio da garantia dos direitos, e expressam, em geral, os principais resultados oriundos da presença do Estado na economia e na sociedade brasileira. (CNBB, 2018, n. 15).

Existem políticas públicas mais abrangentes,

voltadas para a saúde, educação, segurança, habitação, etc. E existem as políticas voltadas para públicos e situações mais específicas, como as voltadas para as mulheres, juventudes, crianças, pessoas com deficiência, etc.

O processo de elaboração das políticas públicas parte dos princípios do diálogo (entre os indivíduos, organizações e instituições públicas e privadas) e da participação (em audiências públicas, conselhos gestores ou de direitos, conferências, fóruns e reuniões, organizações da sociedade civil e movimentos sociais). Ambos os princípios garantidos pela constituição federal.

○ Franciscanismo e as Políticas Públicas

O nosso carisma possui duas dimensões inseparáveis: a dimensão espiritual e social. Tendo raízes profundas na vivência radical do evangelho e sua mensagem libertadora. Nossa característica de minoridade significa uma opção evangélica pelos pobres e pelas periferias.

O abraço de Francisco no leproso foi um gesto profético, denunciando as estruturas injustas daquela época, que condenava e excluía as pessoas do convívio. Ele compreendeu que ser pobre e excluído tratava-se de um lugar social. E que este lugar social era produzido pela ganância, discriminação e preconceito da sociedade aristocrática.



A própria dimensão espiritual do franciscanismo não está deslocada e alienada da realidade. No presépio construído por Francisco, Deus se revela na pobreza e pequenez de uma criança. E abre as portas do presépio para todos e todas, para os pobres, hereges, esquecidos e abandonados.

A fé e vida de São Francisco foram uma constante celebração e profecia em defesa da vida, e principalmente das vidas mais vulneráveis. Atualmente, como sabemos, não é muito diferente das sociedades antigas. O órfão e a viúva de ontem, são os que passam fome,

os empobrecidos, os explorados, os que sofrem atentados, os que morrem precocemente e são exterminados nos dias de hoje.

Francisco abraça o leproso, abraça a cruz de São Damião e parte para ação. A Família Franciscana é o resultado da práxis transformadora de nosso fundador. E hoje somos mais uma vez convocados através da CF 2019, a colocar em prática os exemplos concretos de seguimento e encarnação do evangelho, através das políticas públicas.

“Se é pra ir pra luta, eu vou”

As juventudes de nosso país ainda permanecem excluídas dos espaços de decisão na política. A CF reconhece o jovem como impetuoso, lutador, destemido e alegre (CNBB, 2018, n. 230). Ou seja, as juventudes são molas propulsoras de transformação social. Não podemos esquecer que foram as juventudes que protagonizaram vários atos políticos históricos, como os “caras pintadas” em 1992 e as “jornadas de junho” em 2013.

Essa campanha traz consigo o incentivo para a participação dos jovens na política, não apenas partidária, mas também comunitária, nos conselhos municipais, estaduais e nacional de juventude, etc. E a nossa Juventude Franciscana do Brasil reconhece como missão “ser testemunhas autênticas da identidade franciscana, nos comprometendo a vivenciar a fé nas atitudes cotidianas e concretas de humildade e caridade, à luz da evangélica opção pelos pobres e oprimidos. Sendo assim, reafirmamos ser presença desafiadora na sociedade, inserindo-nos no meio popular e assumindo-o, através da relação entre fé e vida, celebração e compromisso, humanidade e tecnologia. Queremos debater, articular e desenvolver trabalhos onde se faça ecoar nossa voz para denunciar todas as formas de opressão e injustiça, e participar das lutas para a construção de uma nova sociedade, a Civilização do Amor, baseada na prática da Justiça Social e da promoção da Paz.” (JUFRA DO BRASIL, 2011)

Isto é um sinal profético de que estamos no rumo certo. Irmãos e irmãs, sigamos nossas caminhadas de transformação pessoal e coletiva, rumo ao reino definitivo. Permanecemos unidos/as, “clamando noite e dia, com gritos de esperança e de paz”!

O POETA E A MINERAÇÃO: A ARTE E A DESTRUIÇÃO



Igor Bastos
DHJUPIC

**“Quantas toneladas exportamos de ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos sem berro?”
Carlos Drummond de Andrade**

Criada em 1942, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) tem sua origem na cidade de Itabira, Minas Gerais, através da estatização da Itabira Iron Ore Co. de Farquharna, Companhia inglesa de exploração de minério. Itabira é uma palavra de origem tupi que significa pedra (ita) que brilha (bira). O que dava brilho à montanha era a sua enorme quantidade de ferro que, pós exploração, alimentou a indústria bélica inglesa durante a Segunda Guerra Mundial.

A mesma cidade é mundialmente conhecida por ser a terra natal de um dos poetas mais influentes do século XX. Carlos Drummond de Andrade nasceu no ano de 1902, numa cidade repleta de belezas naturais que inspiraram boa parte de suas obras. Essa mesma arte que, ora retratava beleza e vida, também era fonte de denúncia e expressava sua indignação com o modelo de exploração mineral da época.



A fazenda do Pontal, que pertencia aos pais de Drummond, deu lugar a uma represa para contenção de rejeitos da mineração. O Pico do Cauê, sobre o qual Drummond escreveu que “cada um de nós tem seu pedaço” já não existe mais. A própria destruição das riquezas naturais foi um dos motivos que afastaram o poeta de sua cidade. “A ironia talvez resida no fato de que talvez poucos poetas tenham uma relação tão profunda com seu lugar de origem como Drummond – desde o começo até o fim de sua obra” .

**“Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê
Na cidade toda de ferro
as ferraduras batem como sinos.
Os meninos seguem para a escola.
Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.
Só, na porta da venda, Tutu
caramujo cisma na
derrota incomparável.”**

Décadas depois, a realidade de Itabira se espalhou por dezenas de outras cidades em Minas Gerais e no Brasil. Continuamos “disfarçando lágrimas” diante um modelo exploratório voraz, com lucro acima de tudo e de todos, em que o valor econômico sempre sobressai ao valor da vida. Vemos multinacionais que violam os direitos humanos e os direitos da natureza, deixando pobreza e destruição por onde passam. Vemos os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário à serviço das companhias que ditam suas próprias leis.

A Vale é amarga, como disse Drummond, assim como muitas outras companhias da área da mineração. Seu histórico criminal ainda inclui seu processo de privatização em 1997, durante a gestão de Fernando Henrique

Cardoso. Para atender a agenda neoliberal, a companhia, que tinha em vista um patrimônio avaliado em mais de 100 bilhões de reais, foi entregue por R\$ 3,3 bilhões.

No depoimento sobre o seu mais recente crime, o Presidente da companhia, Fábio Schvartsman, afirma que a mineradora é uma "joia" e "não pode ser condenada por um acidente, por maior que tenha sido a tragédia." O mesmo foi o único a se recusar a levantar após um pedido de um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do rompimento da barragem em Brumadinho-MG. A mesma companhia chegou a contabilizar o número de pessoas que morreriam, quanto custaria, e quais seriam as possíveis causas, quatro meses antes do rompimento.

"O Rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.
Entre estatais
E multinacionais,
Quanto ais!
A dívida interna
A dívida externa
A dívida eterna
Quantas toneladas exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas disfarçamos
Sem berro?"

O Rio já não é mais doce. A Vale devastou a bacia hidrográfica do Rio Doce e deixou 19 mortos com o rompimento da barragem no município de Mariana-MG, em novembro de 2015. A companhia segue impune



nesse processo. Em Brumadinho, seu crime recorrente, estima-se mais de 300 mortos em números que oscilam. Famílias ainda esperam angustiadas para uma cerimônia justa de dezenas de desaparecidos. São trabalhadores da Vale e terceirizados, agricultores, crianças e idosos.

Outras dezenas morrem em silêncio em diferentes territórios. A mineração não mata só em massa. Ela também mata no dia a dia, pouco a pouco, viola direitos e deixa um rastro de destruição por onde passa. Centenas de vidas se foram e continuam indo a cada dia. Precisamos direcionar a comoção nacional para uma reflexão profunda sobre o nosso modelo de desenvolvimento econômico e fortalecer as comunidades locais que estão na linha de frente desse embate. Precisamos robustecer nossa legislação ambiental e os órgãos de fiscalização ambiental para que crimes como esses não se repitam. Precisamos colocar a vida em primeiro lugar, na construção de uma sociedade fraterna fundamentada na cultura da vida, da justiça, da paz e da integridade de toda a criação.



SÍNODO SOBRE OS JOVENS: O QUE DIZ O DOCUMENTO FINAL



Muhammed Hochay de Araújo
Acção Evangelizadora

Três partes, 12 capítulos, 167 parágrafos, 60 páginas: assim se apresenta o documento final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, sobre o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. O texto foi aprovado na tarde de 27 de outubro de 2018 na Sala do Sínodo. O documento foi entregue nas mãos do Papa, que então autorizou a sua publicação.

É o episódio dos discípulos de Emaús, narrado pelo evangelista Lucas, o fio condutor do Documento Final do Sínodo dos Jovens. Acolhido com aplausos, o texto – disse o cardeal Sérgio da Rocha, relator geral – é “o resultado de um verdadeiro trabalho de equipe” dos Padres Sinodais, juntamente com os outros participantes no Sínodo e “em modo particular os jovens.” O Documento, portanto, recolhe as 364 formas, ou emendas, apresentadas. “A maior parte delas – acrescentou dom Sérgio – foi precisa e construtiva”.

“Caminhava com eles”

Em primeiro lugar, portanto, o Documento Final do Sínodo olha para o contexto em que vivem os jovens, destacando os pontos de força e desafios. Tudo parte de uma escuta empática que, com humildade, paciência e disponibilidade, permite dialogar realmente com os jovens, evitando “respostas pré-concebidas e receitas prontas”. Os jovens, de fato, querem ser “ouvidos, reconhecidos, acompanhados” e querem que sua voz seja “considerada interessante e útil no campo social e eclesial”. A Igreja nem sempre teve essa atitude, reconhece o Sínodo: muitas vezes sacerdotes e bispos, sobrecarregados por muitos compromissos, lutam para encontrar tempo para o serviço da escuta. Daí a necessidade de preparar adequadamente também leigos, homens e mulheres, capazes de acompanhar as jovens gerações.

Migrantes, um paradigma do nosso tempo

O documento sinodal se concentra no tema





dos migrantes, “paradigma do nosso tempo”, como um fenômeno estrutural, e não uma emergência transitória. Muitos migrantes são jovens ou menores desacompanhados, fugindo da guerra, violências, perseguição política ou religiosa, desastres naturais, pobreza e acabam se tornando vítimas de tráfico, drogas, abusos psicológicos e físicos. A preocupação da Igreja é acima de tudo em relação a eles – diz o Sínodo – na ótica de uma autêntica promoção humana que passa pela acolhida de refugiados, e seja ponto de referência para tantos jovens separados de suas famílias de origem.

A Família “Igreja Doméstica”

Outros temas presentes no Documento dizem respeito à família, principal ponto de referência para os jovens, primeira comunidade de fé, “Igreja doméstica”: o Sínodo chama a atenção, em particular, ao papel dos avós na educação religiosa e na transmissão da fé, e alerta para o enfraquecimento da figura paterna e para aqueles adultos que assumem estilos de vida “juvenis”.

Promoção de justiça contra “cultura de desperdício”

O Sínodo concentra-se também em algumas formas de vulnerabilidade vividas pelos jovens em vários setores: no trabalho, onde o desemprego torna as jovens gerações pobres, minando a sua capacidade de sonhar; as perseguições até a morte; a exclusão social por motivos religiosos, étnicos ou econômicos; as deficiências. Diante dessa “cultura de descarte”, a Igreja deve lançar um apelo à

conversão e à solidariedade, tornando-se uma alternativa concreta às situações de dificuldade.

Missão e vocação

Outra “bússola segura” para a juventude é a missão, dom de si que leva a uma felicidade verdadeira e duradoura: Jesus, de fato, não tira a liberdade, mas a liberta, porque a verdadeira liberdade só é possível em relação à verdade e à caridade. Intimamente relacionado com o conceito de missão, está aquele da vocação: cada vida é vocação em relação com Deus, não é fruto do acaso ou um bem privado para gerir por conta própria – afirma o Sínodo – e cada vocação batismal é um chamado para todos para a santidade.

Não a moralismos e falsas indulgências, sim à correção fraterna

O Sínodo, portanto, promove um acompanhamento integral centrado na oração e no trabalho interior que valorize também a contribuição da psicologia e da psicoterapia, quando abertas à transcendência. “O celibato pelo Reino” – é a recomendação – deve ser entendido como um “dom a ser reconhecido e verificado na liberdade, alegria, gratuidade e humildade”, antes da escolha definitiva. Que se invista e aposte em acompanhadores de qualidade: pessoas equilibradas, de escuta, fé, oração, que tenham se deparado com as próprias fraquezas e fragilidades, e sejam por isto acolhedoras “sem moralismos e falsas indulgências”, sabendo corrigir fraternalmente, longe de comportamentos possessivos e manipuladores. “Esse profundo respeito – lê-se o texto – será a melhor

garantia contra os riscos de plágio e abusos de qualquer tipos”.

O desafio digital

Há alguns desafios urgentes que a Igreja é chamada a enfrentar. O Documento Final do Sínodo aborda a missão no ambiente digital: parte integrante da realidade cotidiana dos jovens, “praça” em que eles passam muito tempo e se encontram facilmente, um lugar irrenunciável para alcançar e envolver os jovens também nas atividades pastorais, a web apresenta luzes e sombras.

Se por um lado permite o acesso à

à diferença entre identidade masculina e feminina, à reciprocidade entre homens e mulheres, à homossexualidade”.

Os bispos reconhecem a dificuldade da Igreja em transmitir no atual contexto cultural “a beleza da visão cristã da corporeidade e da sexualidade”: é urgente buscar “modalidades mais adequadas, que se traduzam concretamente na elaboração de caminhos formativos renovados”. “É preciso propor aos jovens uma antropologia da afetividade e da sexualidade capaz de dar o justo valor à castidade” para o crescimento da pessoa, “em todos os estados de vida”.



informação, ativa a participação sociopolítica e a cidadania ativa, por outro apresenta um lado obscuro – a assim chamada dark web – em que se encontram a solidão, a manipulação, a exploração, a violência, cyberbullying, pornografia. Daí o convite do Sínodo para habitar o mundo digital, promovendo o seu potencial comunicativo em vista do anúncio cristão e a “impregnar” de Evangelho as suas culturas e dinâmicas.

Corpo, sexualidade e carinho

Então, o Documento enfoca o tema do corpo, da afetividade, da sexualidade: diante de desenvolvimentos científicos que levantam questionamentos éticas, de fenômenos como a pornografia digital, o turismo sexual, a promiscuidade, exibicionismo online, o Sínodo recorda às famílias e às comunidades cristãs da importância de fazer descobrir aos jovens que a sexualidade é um dom. Muitas vezes a moral sexual da Igreja é percebida como “um espaço de juízo e condenação”, enquanto os jovens buscam “uma palavra clara, humana e empática” e “expressam um explícito desejo de confronto sobre as questões relativas

O Sínodo constata ademais a existência de “questões relativas ao corpo, à afetividade e à sexualidade que necessitam de uma elaboração antropológica, teológica e pastoral mais aprofundada, a ser realizada nas modalidades e níveis mais convenientes, daqueles locais aos mais universais. Entre estes emergem aqueles relacionados à diferença e harmonia entre identidade masculina e feminina e às inclinações sexuais”.

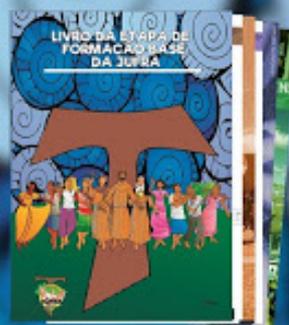
Temas como Arte, música e esporte, “recursos pastorais”, Acompanhamento vocacional e Chamado à santidade são alguns dos tópicos que compõe o documento final, que pode ser acessado através do endereço: <http://jovensconectados.org.br/wp-content/uploads/2018/12/Documento-Final-do-S%C3%ADnodo-dos-Bispos.pdf>

Notícia adaptada do site Jovens Conectados <https://jovensconectados.org.br/sinodo-sobre-os-jovens-o-que-diz-o-documento-final.html>



**ACESSE E CONFIRA
O NOVO LIVRO
DA ETAPA DE FORMAÇÃO
BASE DA JUFRA**

www.jufrado brasil.org



DIVERSIDADE, PLURALIDADE E MARGINALIZAÇÃO

“O AMOR NÃO É AMADO”

FRANCISCO DE ASSIS



Aislan Viçosa (SUL 3/RS)

Natalí Salvador da Rocha (SUL 1/PR)

Victor Lins (SE 2/RJ)

Somos criados à imagem e semelhança de Deus, assim diz a Sagrada Escritura, no entanto, somos diferentes por natureza, e isso é bom. Afinal, se em um ecossistema temos uma gama de diferentes espécies de plantas, insetos, animais selvagens, por que com o Ser Humano seria diferente? Nós (co)existimos enquanto negros, brancos, indígenas, asiáticos, altos, baixos, magrinhos, gordinhos, engraçados, chatos, neutros etc. Nem os gêmeos univitelinos são idênticos, ainda que o anseio em buscar a igualdade nas características deles sejam reais. Porém, seguimos na tentativa de enquadrar as personas nas “caixinhas”, ledor engano! Segundo a definição do dicionário Michaelis online, diversidade é: 1) qualidade daquilo que é diverso, diferença, dessemelhança, variação, variedade. 2) conjunto que apresenta características variadas, multiplicidade. E etc.

Desta forma, percebe-se que a nossa graça está nas raridades que carregamos, é através disso que construímos a nossa pluralidade entre muitos que somos, para assim formamos nossa sociedade. O atual desafio é ter a capacidade e o esforço em (re) aprender a construir nossas afeições pelas diferenças, talvez seja o primeiro passo em aprender que o “outro” já é meu semelhante mesmo que não seja do meu clã.

Conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos, dois artigos nos dizem que podemos proteger nosso direito à diversidade, são eles:

Artigo 1: todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

Artigo 2: todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta declaração sem distinção de qualquer espécie seja de RAÇA, COR, SEXO, LÍNGUA, RELIGIÃO, OPINIÃO, POLÍTICA OU DE OUTRA NATUREZA, ORIGEM NACIONAL OU SOCIAL, RIQUEZA, NASCIMENTO, OU QUALQUER OUTRA CONDIÇÃO.

Sendo assim, no contexto atual que vivemos e com base nos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, será que todos gozam de seus direitos como deveria ser? Infelizmente não! Tem uma coisinha que impede: é a tal da MARGINALIZAÇÃO.

A marginalização tem diversos aspectos, ela pode ser social, cultural, política, econômica, infantil, entre outras. As pessoas que sofrem a marginalização são excluídas ou afastadas dessas áreas mencionadas, pois são consideradas inferiores e, conseqüentemente, não possuem o mesmo direito que o outro, além disso, estes marginalizados sofrem com o preconceito, violência, discriminação e desrespeito da sociedade. (TODA MATÉRIA).

Uma marginalização muito presente na sociedade brasileira e no mundo é a **DESGUALDADE RACIAL**, afetando a população negra que, infelizmente, ainda sofre por causa do preconceito de muitos. Temos como prova disso dados obtidos pelo Atlas da Violência de 2018 do Brasil, no qual aponta que a taxa de homicídios de negros (pretos e pardos) comparada a dos não negros (brancos, amarelos e indígenas), foi de 40,2% contra 16,0%. Além disso, no mesmo período, entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de negros cresceu 23,1%, enquanto os não negros tiveram redução de 6,8%. Outro levantamento realizado apontou que as pessoas mais vulneráveis à violência e ao homicídio são os jovens negros do sexo masculino, além de serem “as principais vítimas da ação letal das polícias e o perfil predominante da população prisional do Brasil”. Outro fato relevante é que a taxa de homicídios de mulheres negras foi 71% superior à de mulheres não negras. Conclui-se que a respeito da violência letal, é como se negros e não negros vivessem em países completamente distintos. (ATLAS DA VIOLÊNCIA DE 2018).

Além dos negros, a **POPULAÇÃO LGBTs** também sofre devido à insegurança de andar livremente nas ruas do país, de acordo com os dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), o ano de 2017 marcou o recorde de mortes por homofobia no país, sendo aproximadamente 445 lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, 30% a mais em relação ao ano anterior, tais mortes foram causadas pelo preconceito contra a identidade de gênero e contra a orientação sexual. Além do mais, de acordo com a organização não governamental Human Rights, “relata que a Ouvidoria Nacional dos Direitos recebeu 725 denúncias de violência, discriminação e outros abusos contra a população LGBT somente no primeiro semestre de 2017”. De acordo com Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia, estes dados podem ser maiores, pois muitos casos não são noticiados. (CIEGLINSKI, 2018).

Referente à luta pela igualdade de gênero e do fim da violência das **MULHERES** ainda

persiste. Pois infelizmente, as brasileiras ainda precisam encarar problemas como as desigualdades salariais, dificuldades no acesso aos melhores cargos no mercado, a pouca representatividade política, e a violência. (DINIZ, 2016). De acordo com o Atlas da Violência de 2018, em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no país, o que representa uma taxa de 4,5 homicídios para cada 100 mil brasileiras. Infelizmente por falta de dados, não é possível identificar se tais mortes ocorrem por feminicídio. “Contudo, a mulher que se torna uma vítima fatal muitas vezes já foi vítima de uma série de outras violências de gênero, por exemplo: violência psicológica, patrimonial, física ou sexual”.

Sobre as pessoas em situação de rua, uma pesquisa publicada pelo Ipea em 2015, aponta que o Brasil tem aproximadamente mais de 100 mil moradores de rua. Essas pessoas chegaram a esta situação por diversos motivos, sendo eles: “alcoolicismo, drogas, perda de emprego, conflitos familiares, violência, abusos domésticos, mais liberdade, etc”. (IPEA apud. MERÉLES, 2017). Cada morador de rua carrega consigo uma história de vida, algumas felizes, outras de dor e abandono. Infelizmente, muitos não tiveram a oportunidade de um lar, de uma família unida ou apenas uma “família”. Alguns estão na rua de passagem, outros buscam por trabalho, sonham em uma casa boa para viver. Enfim, inúmeras histórias de luta, de esperança em um dia melhor, porém, para a sociedade eles são invisíveis, tratados como animais e ignorados (NOBRES; FALCAO, 2015).

Além desses exemplos, também tem a marginalização com os imigrantes os quais são julgados como “aqueles que irão roubar nossos empregos”; ou a marginalização contra os idosos classificando-os como “pessoas desatualizadas e inativas”. Como podemos pensar e julgar dessa forma? Os noticiários mostram que muitos imigrantes saem de seus países devido às injustiças do governo, à fome, à guerra, aos desastres naturais, etc, por que não podemos dar boas-vindas e acolher esse irmão que sofre? E os idosos? Bem, de acordo com o IBGE 2017, o nível de idosos só vem

crescendo. Além disso, o mundo é outro, as coisas mudam, a tendência do oldless já está acontecendo, tem muitos idosos mais jovens mentalmente, fisicamente e psicologicamente que muitas pessoas de 30 anos.

Com esses dados todos, ainda temos pessoas que dizem: “puro mimi”, “não precisa de cotas nas faculdades”, “agora existe a cura gay”, “ganham menos porque engravidam”, “está na rua porque quis”.

Isso é marginalização, é não respeitar o diferente, é se achar melhor do que os outros, é não ter empatia com o seu próximo, é julgar sem saber e sem sentir na pele. Fora isso, vivemos em um momento em que somos impressos nas identidades, se você não agir de acordo com a regra X você está “fora da normalidade”, se você não fizer a graduação em um tempo Y você está desinteressado, se você tem não tem um pai e uma mãe você não tem uma família, sua religião não é melhor que a minha. Não se pode alimentar a aversão ao diferente e ao desconhecido porque alguém torce para o Flamengo ou para o Corinthians, porque ele é direita ou esquerda, pois a religião dele é umbanda ou budista, porque se é trans-cis-homo-bi-tri-tetra. Vivemos em um momento que alguns estão acima de todos e, que usam uma justa medida para “justificar” o desrespeito à diversidade e à pluralidade que todo SER HUMANO tem e simplesmente é.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS. Crescimento dos idosos em 2017. Disponível em: <<https://agenciadeoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>> Acesso em: 20/01/2019.

CIEGLINKSKI, Amanda. Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil . AGÊNCIA BRASIL. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia>

no-brasil-em > Acesso em: 12/01/2019

DINIZ, Maiana. Mulheres lutam por igualdade, mas problemas históricos persistem. AGÊNCIA BRASIL, 2016. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-03/mulheres-lutam-por-igualdade-mas-problemas-historicos-persistem> > Acesso em: 12/01/2019

Diversos autores. Atlas da Violência de 2018 . IPEA, Rio de Janeiro, 2018 Disponível em: < http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da-violencia_2018.pdf > Acesso em: 12/01/2019

ESCOBAR, Fernando U. Francisco uma vida que questiona. OFM, São Paulo – 2005.

MERELES, Carla. Pessoas em situação de rua . Politiza, 2017. Disponível em:< <https://www.politize.com.br/pessoas-em-situacao-de-rua/> > Acesso em: 18/01/2019

MICHAELIS. Diversidade. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/diversidade/>> Acesso em: 20/01/2019

NOBRES, Juirana; FALCÃO, André. Moradores contam histórias de vida e motivos para estarem nas ruas. GLOBO, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2015/08/moradores-contam-historias-de-vida-e-motivos-para-estarem-nas-ruas.html>> Acesso em: 20/01/2019

TODA MATÉRIA. O que é marginalização . 2017. Disponível em:< <https://www.todamateria.com.br/o-que-e-marginalizacao/> > Acesso em: 18/01/2019

UNICEF Brasil. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.html> Acesso em: 20/01/2019



EMPATIA FRANCISCANA

O OLHAR ATENTO DE FRANCISCO



Gabriela Consolaro - Regional Sul II - SC

Joice Oliveira - Regional Sudeste I/MG

Luana Feitosa - Regional Norte II - Pará Leste- Amapá

A empatia pode ser entendida como a competência psicológica de imaginar-se em situação análoga àquela que outra pessoa está vivenciando, ou, em outros termos, a capacidade de colocar-se no lugar do outro.

Talvez seja esse o maior desafio dos tempos atuais, em que são comuns relações superficiais, muitas vezes mediadas por aparelhos eletrônicos, tornando o fator “olho no olho”, uma “coisa de antigamente”. Hoje, o natural é estar preso às telas, às informações prontas, às respostas rápidas e aos atalhos para a satisfação instantânea, em redes sociais que aproximam na mesma medida em que afastam. E, nessa era em que tudo é “para ontem”, em que a pressa faz parte das nossas rotinas e não nos sentimos satisfeitos se não preencheremos todos os espaços da agenda, nos deparamos com uma proposta, de um homem chamado Francisco, que nos dá uma opção distinta, um “remédio” para os males do mundo atual.

Esse homem representa aquele que para, desacelera, e sai de seu tempo para nos dizer que hoje também se faz necessário parar para olhar o outro, sentir suas necessidades, suas urgências, seus gritos insonoros. Nos ensina, ainda, que para isso é necessário se fazer igual, se pôr no lugar daquele que sofre, parar, olhar, sentir! Com isso quis Francisco de Assis viver o que Jesus nos deu por verdadeiro mandamento: “Amar o próximo com a si mesmo”.

Essa foi a sublime interpretação do que nos ensinou Cristo, aquele que foi enviado para assumir nossa pobre humanidade, sentir aquilo que sentimos, viver aquilo que vivemos, se fazer igual em tudo, com exceção do pecado. Essa empatia, entendida por Francisco de Assis, redirecionou seu olhar e o tornou atento para com os pobres, excluídos e marginalizados de sua época.

Por este mesmo olhar atento que nós,

franciscanas e franciscanos, somos chamados a viver. O levantar da cabeça enquanto caminhamos na rua para perceber as realidades que nos cercam. A compaixão com aqueles que não professam dos nossos dogmas, mas que buscam o mesmo Amor que buscamos. A comunhão com quem é diferente só externamente. A vida em Fraternidade. A compreensão transcendental de que todas as obras da Criação merecem – e devem! – ser amadas e cuidadas.

A Empatia no e para o Franciscanismo

Ter empatia é compreender o sentimento alheio, se colocar no lugar do irmão para sofrer suas dores, comemorar suas alegrias, dividir suas angústias e diminuir as aflições. Cristo nos deixou essa mensagem, expressa de forma contundente por São Francisco de Assis, que, ao beijar o leproso, despoja-se de si, de seus preconceitos, de seus medos, para simplesmente amar, e amando ao Amor, em todos os detalhes da Criação, nos ensinou o sentido de fraternidade universal - tudo isso para que tivéssemos uma clara indicação do caminho que leva ao Pai.

O que viveu Francisco foi além do “fazer ao outro o que você gostaria que fizesse a si mesmo”, para entender também que o outro possui vontades próprias e que podem ser completamente divergentes das nossas, mas que devem ser respeitadas. É entender que, antes de tudo, deve-se buscar sentir aquilo que o outro sente, ver com seus olhos. Em linhas gerais, a empatia é uma “força” capaz de transformar as realidades que nos cercam.

Ao observar as sociedades atuais, pode ser difícil enxergar os mesmos sinais que nos revelou o Santo de Assis, levando-nos à crença de que o ser humano é por essência um ser egoísta. Entretanto, até mesmo a Neurociência comprova que nossa natureza é empática,

nascemos com estruturas e processos cerebrais que nos permitem viver a empatia em sociedade, pois nos permitem “espelhar” em nós aquilo que vemos no outro desde a fase primária da infância, quando ainda estamos aprendendo a desvendar o mundo. A empatia nos possibilita ter relações mais profundas e significativas com as pessoas ao nosso redor, mesmo que esse modelo não seja o vivido pela maioria.

Ao nos depararmos com essa realidade, na condição de jovens franciscanos/as, podemos fazer um breve questionamento: “Qual problema do mundo mais nos incomoda?”. As respostas podem variar: intolerância, violência, desigualdades sociais, preconceito, degradação ambiental, machismo, corrupção e tantos outros. Mas, se pararmos para refletir, perceberemos que todos esses estão de alguma forma interligados, se retroalimentam e têm causas comuns, permeando sempre a ausência de empatia, de cuidado, de amor.

Como alternativa de mudança desse quadro, a empatia apresenta possibilidades distintas e complementares de cultivar a Paz e fazer o Bem. Em uma primeira percepção, é o olhar de cuidado com o irmão, de forma que podemos ouvir e, assim, ajudá-lo. Por outro lado, também nós crescemos, pois amadurecemos ao nos colocar Vno lugar do próximo, completando quem somos e fazendo bem para nós mesmos, ao cuidarmos do nosso maior dom: a própria Vida. Por isso, nosso dever como jovens franciscanas e franciscanos e o maior desafio atual é, justamente, ter a compreensão da dor do próximo.

Nesse sentido, percebemos que não mudaremos o mundo olhando só para dentro, mas que a mudança começa em cada um de nós - e assim deve ser - mas cada pessoa que transforma a si mesma também precisa sair de seu comodismo para ajudar a mudar o mundo ao seu redor. Devemos construir uma Igreja em saída para atender as necessidades dos pobres, excluídos e marginalizados, uma Igreja que escuta e que acolhe, não por se julgar superior, mas por se reconhecer e fazer igual, servidora.

Da mesma forma, o Papa Francisco destaca, na Exortação Apostólica sobre o Chamado à Santidade no Mundo Atual que “Contra a

tendência para o individualismo consumista que acaba por nos isolar na busca do bem-estar à margem dos outros, o nosso caminho de santificação não pode deixar de nos identificar com aquele desejo de Jesus: «que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti» (Jo 17, 21).” (nº 146). Só assim evoluiremos: em contato com o outro. Sozinhos, não evoluímos.

São esses ideais que viveram e nos ensinaram Jesus Cristo e São Francisco de Assis. Foram menores e carregaram consigo sempre a empatia por todas e todos que cruzaram suas trajetórias. Essa afinidade, que leva à caridade, nos mostra que precisamos buscar a doação extrema, o reconhecimento do rosto de Cristo no irmão, o sofrer com o irmão e ao mesmo tempo ajudá-lo, ir à luta juntos. Foi Jesus que nos deixou essa mensagem, compreendida da mais linda maneira por São Francisco de Assis.

Esse legado, que nos faz querer seguir a Cristo em cima das pegadas de Francisco, foi nos deixado para que também o levemos por onde formos andar. A Empatia Franciscana nasce do amor do nosso Pai Seráfico ao Altíssimo Deus, mas transborda para que nós possamos sentir a mesma admiração por tudo aquilo que Ele criou: a gratidão simples pelos milagres diários, pelo presente do Céu que recebemos a cada respirar, por participarmos de fraternidades que nos acolhem, compreendem, e compartilham dos nossos anseios e medos.

A exemplo de São Francisco de Assis, precisamos ter mais empatia, principalmente por aqueles que padecem em nossa sociedade: os marginalizados, os excluídos, os que sofrem violência, convivem com vícios, doenças psicológicas. Nas Escrituras já nos foi alertado: “Lembrai-vos dos encarcerados, como se vós mesmos estivésseis presos com eles. E dos maltratados, como se habitásseis no mesmo corpo com eles.” Hebreus, 13: 3.

Em épocas que a violência é apresentada como resposta às mazelas do mundo, nós, franciscanas e franciscanos, carregamos a perseverança e o amor de Clara ao afirmar que temos uma missão muito maior, a única que pode, de fato, operar alguma transformação social: sermos o olhar atento de Francisco, abraçando a diferença e amando a pobreza e a simplicidade. Essa é Empatia Franciscana.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E ECUMÊNICO: UMA CONVERSA PARA COMBATER A INTOLERÂNCIA

No dia 21 de Janeiro de 2019, o Dia de Combate à Intolerância Religiosa no Brasil completou 12 anos. Esta data homenageia, principalmente, Gildásia dos Santos, conhecida como Mãe Gilda. Ela foi fundadora do Axé Abassá de Ogum, em Itapuã-Bahia, cujo falecimento, com 65 anos, foi em decorrência de diversos ataques de ódio e agressões por causa de sua religião.

Em um levantamento divulgado pelo Ministério dos Direitos Humanos, há dois anos o Brasil registra uma denúncia de intolerância religiosa a cada 15 horas, sendo que os principais alvos e perseguidos são os praticantes da umbanda e candomblé. Entre 2015 e o primeiro semestre de 2018, foram registrados 1.729 casos de intolerância religiosa, totalizando uma média de 42 casos por mês. O que é bem chocante para o Brasil, que é considerado um país laico, de acordo com a Constituição Federal de 1988.

Segundo o censo realizado pelo IBGE em 2010, a população brasileira é majoritariamente cristã, sendo que, 22,16% são de Igrejas Evangélicas (Protestantes), 2,02% se declaram espíritas, 0,21% participam da Umbanda, 0,09% do Candomblé, 0,13% são Budistas, e 64,63% são cristãos Católicos Apostólicos Romanos. Destaca-se que o Brasil é o país com a maior população católica do mundo, representando 27,5% dos católicos de todo o planeta.

Diante disto, como jovens católicos, devemos ser força contra a intolerância e aprender a ouvir, dialogar e respeitar não só as religiões, como também as pessoas que as praticam, que as seguem e que possuem crenças diferentes da nossa. Por isto é tão importante o diálogo inter-religioso e o ecumênico, sendo que o primeiro sugere que exista um diálogo entre

religiões diferentes, como budismo, judaísmo, islamismo etc., enquanto o segundo propõe um diálogo entre cristãos.

Um trecho da música de Lenine, chamada "Diversidade", afirma que:

"Se foi para diferenciar
Que Deus criou a diferença
Que irá nos aproximar
Intuir o que Ele pensa
Se cada ser é só um
E cada um com sua crença
Tudo é raro, nada é comum
Diversidade é a sentença"

Assim, se Deus nos criou diferentes, por que buscamos que o outro seja igual ao que somos? Que o outro acredite no que acreditamos? Por que não valorizamos a diversidade da criação divina presente em cada um?

Em I João, capítulo 4, versículo 7-8 e 11, há a seguinte passagem: "Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus, e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor". E deste trecho bíblico pode-se extrair duas palavras que são fundamentais para um diálogo inter-religioso ou ecumênico: Amor e Conhecimento.

A princípio, cabe destacar que Jesus disse: "Amai-vos uns aos outros. Como eu vos tenho amado, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros". (João, 13, 34). Com base neste amor, não há espaço para discriminações, preconceitos, intolerâncias e julgamentos. O amor nos concede o dom de aceitar o próximo, independente de suas escolhas, inclusive das religiosas e/ou crenças.

É importante notar que não só o cristianismo prega o amor: "Jamais, em

todo o mundo, o ódio acabou com o ódio; o que acaba com o ódio é o amor” – Buda (Budismo)

“Pagai o mal com o bem, porque o amor é vitorioso no ataque e invulnerável na defesa” – Lao Tsé (Taoísmo)

“O amor é a força mais sutil do mundo” – Mahatma Gandhi (Hinduísmo)

Já o conhecimento nos presenteia com o dom de respeitar o próximo. Se conhecermos a realidade, as crenças e a história de vida do outro, compreenderemos os seus motivos e a sua fé. Dessa forma, faríamos ser predominante o respeito mútuo, a manutenção da paz e o desenvolvimento humano.

São Francisco de Assis ao ir entre os muçulmanos para dialogar, mostrou-se um grande seguidor do Evangelho. O pobrezinho de Assis, com humildade, conseguiu um dos maiores gestos de paz na história entre o Islã e o Cristianismo, ao conversar com o sultão do Egito, Melek-al-Kamel.

Cabe destacar ainda que o diálogo inter-religioso e ecumênico não se propõe ao proselitismo, isto é, não é uma conversa para “fazer tudo para trazer o outro para a minha Igreja”. Pelo contrário, o objetivo é que os homens e mulheres, independente da religião ou Igreja, caminhem juntos pela paz, pela justiça, e por uma sociedade justa.

É essencial aprendermos a valorizar e reconhecer a diferença de cada um, devemos apreciar cada troca de conhecimento e experiência que cada ser humano possui. **Todas as religiões pregam o amor, não importando a forma que é transmitido e ensinado, e no amor não cabe discriminação, intolerância ou preconceito.** Carecemos de compreensão e empatia onde deveríamos valorizar a riqueza da diferença entre as pessoas, dado que independente de religião todos possuem semelhanças e diferenças sem haver nenhuma superior ou inferior a outra.

Em uma das audiências do Papa Francisco, este afirmou que “o diálogo entre os fieis de várias religiões é uma condição necessária para a paz no mundo”. Pois então, é justo que nos

proponhamos a amar e conhecer o próximo, a conversar sobre suas crenças, a explicar sobre as nossas, para que a compreensão e o respeito sejam alicerces no combate não só à intolerância religiosa, como a tantos outros problemas sociais que vivenciamos nos dias atuais.



SUGESTÃO DE DINÂMICA RELACIONADA AO TEMA

Ampliando a visão da realidade: Projete ou leve impresso (cartaz) um mapa Mundi em que estão localizadas algumas religiões do mundo. Explore o mapa com os irmãos: localize onde estamos situados, quais religiões aparecem, em quais continentes, países, quais as religiões que mais aparecem no mapa, reflita sobre as situações de intolerância religiosa, enfatize a ideia da diversidade religiosa.

Apresente para os irmãos o artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Relacione diversidade religiosa apresentada no mapa Mundi com o artigo 18.

Artigo 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência, religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em

particular”.

Sistematize: Proponha uma pesquisa de imagens que expresse as religiões que aparecem no mapa Mundi, poderão ser incluídas outras religiões que não estão no mapa, mas que seja importante para os alunos.

Para isso divida a sala em grupos. Cada grupo se responsabilizará por trazer imagens que mostrem sobre a religião sorteada: símbolos, templo sagrado, vestuário, celebrações, líder religioso, pessoas que seguem a religião.

No retorno da pesquisa construa com a fraternidade um grande mural com o título: A beleza da diversidade religiosa.

Depois de pronto, deixe que observem o cartaz por alguns instantes e depois converse com os irmãos sobre a riqueza e a beleza da diversidade religiosa e o quanto é importante respeitarmos a religião uns aos outros e aqueles que também não têm religião.

REFERÊNCIAS

<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/21/dia-de-combate-a-intolerancia-religiosa-completa-12-anos-com-terreiros-sob-ataque/>

<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>

<https://noticias.cancaonova.com/brasil/entenda-a-diferenca-entre-ecumenismo-e-dialogo-inter-religioso/>

http://eterezamigliorini.blogspot.com/2011/05/blog-post_27.html

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/567135-o-encontro-de-francisco-de-assis-com-o-sultao-ainda-em-1219-artigo-de-enzo-fortunato>

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-06/papa-dialogo-entre-religioes-diferentes-fonte-paz.html>

<https://revistasenso.com.br/2017/05/22/conhecer-para-respeitar-sobre-conviver-com-diferencas/>

<https://revistasenso.com.br/2018/05/09/respeito-e-valorizacao-da-diversidade-religiosa/>

Primeira vez de um papa no Golfo Pérsico: Francisco nos Emirados Árabes



O DIÁLOGO QUE TRANSMITE A TERNURA DE DEUS



Danielle Silva, JUFRA/OFS

Secretária Nacional de Comunicação Social, Registro e Arquivo

Neto Ferreira, JUFRA/OFS

Secretário de Comunicação Social, Registro e Arquivo
Regional NE B1 (PE/AL)

“De tais mensageiros preferimos uns aos outros. Entre eles, se encontram aqueles a quem Deus falou, e aqueles que elevou em dignidade. E concedemos a Jesus, filho de Maria, as evidências, e o fortalecemos com o Espírito da Santidade.”

(Alcorão, Surata 2, 253)

Onde está Deus? Onde podemos ouvir sua voz?

Há quem pense que Ele está na religião. E de certa forma está correto, pois a religião é uma das maneiras que encontramos para mediar nossa relação com Deus. Porém, é necessário refletirmos: de qual religião Deus seria exclusividade?

Desde muito jovem, somos levados a pensar de maneira individualizada, ou seja, Cristo só é Cristo a partir de nossa ótica religiosa interna e tudo o que fica fora disso é tratado com indiferença. Precisamos, então, a partir de muita reflexão, enxergar a pluralidade única de Deus.

Cada religião tem seu próprio modo de se relacionar com Deus a partir de sua cultura. Enxergar Deus nas diferenças (costumes, rituais, orações, templos, etc.) é perceber que existem outras maneiras de mediação para um mesmo propósito. Através desta reflexão é que nasce em nós a certeza de que Deus não assinou contratos de exclusividade.

Em meio ao turbilhão de aflições de nossa atualidade, nos vem a figura pacífica e calma de Francisco de Assis. Ele que havia compreendido não apenas o significado da religião, mas sobretudo possuía pleno conhecimento do projeto salvífico de Jesus, o Cristo. Aquele Jesus que ensinava e falava a todos, sem distinção, sobre o Reino de Deus. É ele quem nos apresenta o diálogo, um reino

para todos e que busca evidenciar que a humanidade tem uma única origem e destino. Eis a base do DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO.

É neste âmbito que relembramos a visita de São Francisco ao Sultão Al-Malik Al-Kamil. Em tempos de Cruzadas, e combates sangrentos entre cristãos e muçumanos, os dois iniciam um diálogo inter-religioso e nos deixam a seguinte dúvida: quem sabe o que podemos descobrir quando conhecemos e nos deixamos conhecer? Comunicação interpessoal, respeito, amizade, relações inter-religiosas a fim da promoção de conhecimento e enriquecimento recíproco, respeitando a liberdade e obedecendo à verdade, são atitudes que ganharam força com o Concílio Vaticano II, ultrapassando os limites geográficos e alcançando, na sociedade moderna, novas tecnologias que integram o cotidiano humano.

É chegada a hora de se abrir ao outro. Os cristãos “devem familiarizar-se com as tradições nacionais e religiosas dos outros, alegres por descobrir e prontos a respeitar as sementes do Verbo que nelas se ocultam” (Ad Gentes, 11). Deus está em todas as religiões e através de suas diversas formas de culto!

Por isso “A Igreja católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santo nestas religiões (...). Não raro [elas] refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todos os homens” (Nostra aetate, 2). Francisco aponta, ainda, que tipo de diálogo devemos ter: a revelação da pobreza em vez de dominação, posse ou negação do outro. Quando conhecemos bem em quem depositamos nossa fé, quanto mais seguros dessa crença estamos, não tememos conhecer o diferente e desabrochamos para o diálogo do mesmo modo que Francisco: com a força da ternura.

MANUAL

de Comunicação Social, Registro e Arquivo
da JUFRA do Brasil



Secretaria Nacional de Comunicação Social, Registro e Arquivo
Assessoria Nacional para Registro e Arquivo

IMMF: PRIORIDADE CONSTANTE



Sabrina Ferreira
Secretária Nacional da IMMF

“Todas as pessoas grandes foram um dia crianças - mas poucas se lembram disso”.
Antoine de Saint-Exupéry

Essa citação do livro do Pequeno Príncipe reverbera uma inquietação porque nos mostra o quanto a preocupação com as obrigações do dia a dia, na vida adulta, nos fizeram esquecer os sonhos de infância. A IMMF, durante dois triênios consecutivos, foi indicada como prioridade para as atividades da JUFRA do Brasil. São, portanto, pertinentes os questionamentos: Será que nós, jufristas, sendo adultos, esquecemos de pensar como criança? Qual legado a JUFRA do Brasil deixa em 6 anos com essa secretaria como uma de suas prioridades? Que sonhos sonhamos juntos com a IMMF?



Esses questionamentos serão respondidos à medida que algumas das ações realizadas nos últimos anos forem enumeradas, para fortalecer esse serviço carinhosamente conhecido como mini-jufra. Quando chega um fim de triênio, somos convidados a fazer relatórios, avaliar caminhada e propor novos desafios a fim de obter melhoria do serviço. Eis algumas das ações:

- Fraternidades da OFS assumindo o processo de criação e formação da IMMF em locais onde ainda não há presença de JUFRA.

- Nessetriênio, muitas regionais realizando encontros de formação sobre o serviço e muitos congressos avaliativos regionais e encontros de área fizeram oficinas de IMMF, o que evidencia a preocupação dos regionais em abordar e sensibilizar os jufristas, bem de comungar com as prioridades do nacional.

- Novo blog de IMMF com o arquivo de todos os materiais formativos que a Secretaria possui e o contato de todos secretários regionais de IMMF do Brasil.

- A produção de encontros formativos de maneira mais intensa, com participação efetiva dos secretários regionais tanto na sugestão do tema, como também na elaboração dos materiais.

- O fortalecimento da Semana Nacional de IMMF trazendo sua realização para o primeiro semestre do ano. Apresentando temas sempre recorrentes as necessidades da conjuntura atual das crianças. Os temas dos três últimos anos foram: “Minha imagem virtual se assemelha a de Cristo?” (2016), “Ano Mariano” (2017) e “O consumo consciente entre crianças e adolescentes” (2018). Sempre com três materiais: um encontro reflexivo, com atividades complementares e outro com oficinas de música, teatro, artesanato e outras dinâmicas diversas.

- Reunião presencial em 12,13 e 14 de janeiro de 2018 em Fortaleza com a equipe de metodologia das escolas de formação e do Seminário Encontro Nacional em IMMF e Formação. Nessa reunião foram decididas todo o processo de condução das escolas e do seminário nacional e em 02/03/2018 foi lançada a carta de convocação para as escolas e uma cartilha de orientações para preparo das fraternidades locais em vivenciarem em nível local, regional e nacional a discussão das diretrizes de formação de IMMF.

Ainda existem muitas dificuldades para viver o desafio de ter em cada fraternidade de JUFRA e OFS uma IMMF. Mas nós vamos conseguir!! Por isso responda você essa pergunta: Sua fraternidade ainda não tem IMMF? Por quê? Busque seu secretário de IMMF regional, chame a fraternidade, a OFS, seu assistente local, ou pároco de sua comunidade para se engajar nesse projeto. Leia os materiais formativos para o serviço, todos estão disponíveis no blog da IMMF.

Se você encontrou seu ideal de vida na JUFRA, foi por que uma "pessoa grande" lembrou-se de que você, sendo ainda criança, também precisava que fosse plantado a sementinha franciscana. Seja hoje uma pessoa grande que não se esquece da importância de evangelizar os menores. O zelo com os pequenos franciscanos determinará a ideia do tipo de JUFRA que somos e do tipo que seremos amanhã, por isso a IMMF deve ser uma prioridade constante.



Sempre atual citar e repetir São Francisco: "Irmãos, comecemos, pois até agora pouco ou nada fizemos."

Por isso, a partir das dificuldades enfrentadas, como falta de feedback das fraternidades locais após divulgação de materiais, ausência do zelo necessário com a secretaria e dificuldade para postagens frequentes no blog, podemos nos impulsionar para modificar nossas ações a partir da compreensão de que a IMMF é uma força evangelizadora eficaz para própria fraternidade.

Vê-se o entendimento de que a preocupação com as crianças e com os adolescentes não é somente com futuro dos jufristas, mas - avaliando bem nossa conjuntura política atual - com a formação franciscana para os cristãos.

"As crianças precisam ser muito compreensivas com a gente grande." (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.17).

O louvor, a alegria, a espontaneidade, a capacidade de amar que os pequenos franciscanos são capazes de doar gratuitamente fortalecem o testemunho de viver o evangelho como Francisco tanto fez. Assim, é importantíssimo que ela receba o zelo necessário.

"Educa a criança no caminho em que deve andar; e até quando envelhecer não se desviará dele." (Provérbios 22:6). Esse provérbio aplica-se bem à realidade da Família Franciscana a saber que muitos irmãos jufristas e da OFS, religiosos e religiosas, tiveram acesso ao carisma franciscano por meio da iniciação formativa na infância.

Sim, "Gente grande gosta de números." (SAINT-EXUPÉRY, 2016, p.17). Apenas 41,6% das fraternidades de JUFRA no Brasil têm IMMF segundo último relato fornecido pelos secretários regionais em junho de 2016. Esse fato traduz quanto o envolvimento com a IMMF deve ser mais amplo, devendo ultrapassar este triênio e extrapolar a própria JUFRA.

Todos devem se envolver! Todos devem buscar o essencial! Há exemplos de algumas fraternidades de OFS que, tendo encontrado dificuldade em se envolver com os jovens, iniciaram atividades com as crianças - utilizando material produzido pela JUFRA - e tiveram e têm experiências positivas. São exemplos inspiradores!

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O pequeno príncipe; tradução Ivone C. Benedetti. Porto Alegre: L&PM, 2016.



Conferência da Família Franciscana do Brasil

www.CFFB.org.br

MENSAGEM DA ASSISTÊNCIA ESPIRITUAL NACIONAL

“Louvai e bendizei a meu Senhor e rendei-Lhe graças e servi-O com grande humildade.” (Cântico das Criaturas, 14)



Irmã Viviane Ramos da Costa, FDM
Frei Wellington Buarque de Souza, OFM
Assistentes Espirituais Nacionais
Triênio 2016-2019

Queridos jovens, queridas jovens de nosso imenso Brasil, Paz e Bem!

Estamos vivendo um kairós, onde as águas de março fecham o verão de um triênio que produziu belos e abundantes frutos e que se encerra com a celebração de mais um Congresso Nacional da Jufra – CONJUFRA, e que traz consigo a promessa de vida para os nossos corações! Pois, quer estejamos no tempo de depor com gratidão e humildade os cargos e serviços, que estejamos no tempo de assumilos, os irmãos e irmãs, aos quais o Senhor deu a graça de servir e trabalhar, sirvam e trabalhem fiel e devotamente, a com a mesma vitalidade que levou nosso Pai São Francisco a exclamar: “É isso que eu quero, isso que eu procuro, é isso que eu desejo de todo o coração!”^b. Pensando neste tempo, nos recordamos de um momento de partilha três jovens Irmãs de uma de nossas Congregações (as Franciscanas da Divina Misericórdia) discutiam acerca da vitalidade do jovem franciscano nos tempos atuais.

Partindo disso que partilhamos entre nós, torna-se praticamente impossível não puxarmos a seguinte reflexão: Trazemos em nós uma verdade importante! Queremos utilizar a nossa vida de uma maneira útil e boa, e então empregamos nossa existência em prol disto, segundo nosso modo de pensar. O conflito acontece quando estamos diante da decisão que tomamos de ser franciscanos, pois ela nos leva a um modo todo próprio: ser menor.

Na pós-modernidade, se propaga a importância do ter sempre mais, do ser sempre melhor e do poder dominar. São Francisco de Assis, por sua vez, nos insere em uma espiritualidade que tem sua vitalidade no

nada ter, nada ser e nada poder; e daí nos perguntamos: onde está o vigor do jovem franciscano que tem no auge de sua vida sonhos, desejos, projetos...? Para responder a esse questionamento, olhemos para São Francisco que, no auge de sua juventude, e desejoso de ser um grande cavaleiro, certo dia teve, enquanto se via rodeado de muitos amigos, um encontro que marcou profundamente sua vida, dando novo sentido a tudo, sendo então envolvido por Aquele que o perguntou: “Francisco, a quem é melhor servir? Ao servo ou ao Senhor?” Diante de tal provocação, e tomado de grande alegria, o jovem Francisco descobre, assim, o sentido de toda a sua busca existencial: servir ao Senhor.

No ímpeto de sua resposta Francisco decide descobrir o que o Senhor queria dele. A busca determinou o empenho de Francisco. Na nossa vida, o primeiro passo de uma escolha é a decisão; decidir é ir adiante, para além do que é desejado, procurado, almejado. E os passos seguintes se dão à medida que se vai caminhando, quando se sabe o que se quer ou onde se pretende chegar. O que vamos encontrar, enquanto desafios, possibilidades, isso só vivendo para experimentar, só fazendo a experiência do deixar-se mover, mas não deixar-se mover por qualquer coisa; ao contrário, por um grande ideal, ou melhor, um nobre ideal!

Francisco foi um jovem cheio de virtudes, mas que também trazia consigo suas fragilidades e limitações. Mas ele soube, no seu percurso de desencontros e reencontros, utilizá-las de modo que o seu trabalho e empenho em se auto responsabilizar foi tornando-o semelhante ao Senhor que o chamou.

Nos tempos atuais estamos na era do descartável e esse modo é sutil e discreto, e tem acontecido não apenas com objetos, coisas, mas, sobretudo, com pessoas. As relações estão sendo descartadas como se fossem qualquer coisa ou algo sem valor... E como jovens franciscanos, somos chamados a retornar à origem do franciscanismo, onde tudo era acolhido como possibilidade de transformação. Francisco era capaz de reconhecer no que todos consideravam desprezível o seu valor como criatura amada por Deus.

Um/a jovem carrega em seu vigor uma grande possibilidade de transformação, pois não mede esforços, empenho, tempo dedicado. Ao contrário, se entrega com tudo que faz, assim como fez Francisco. Ele era sempre jovial, pois acreditava que tudo tinha a origem na verdade que tudo transforma e que sempre renova: Deus.

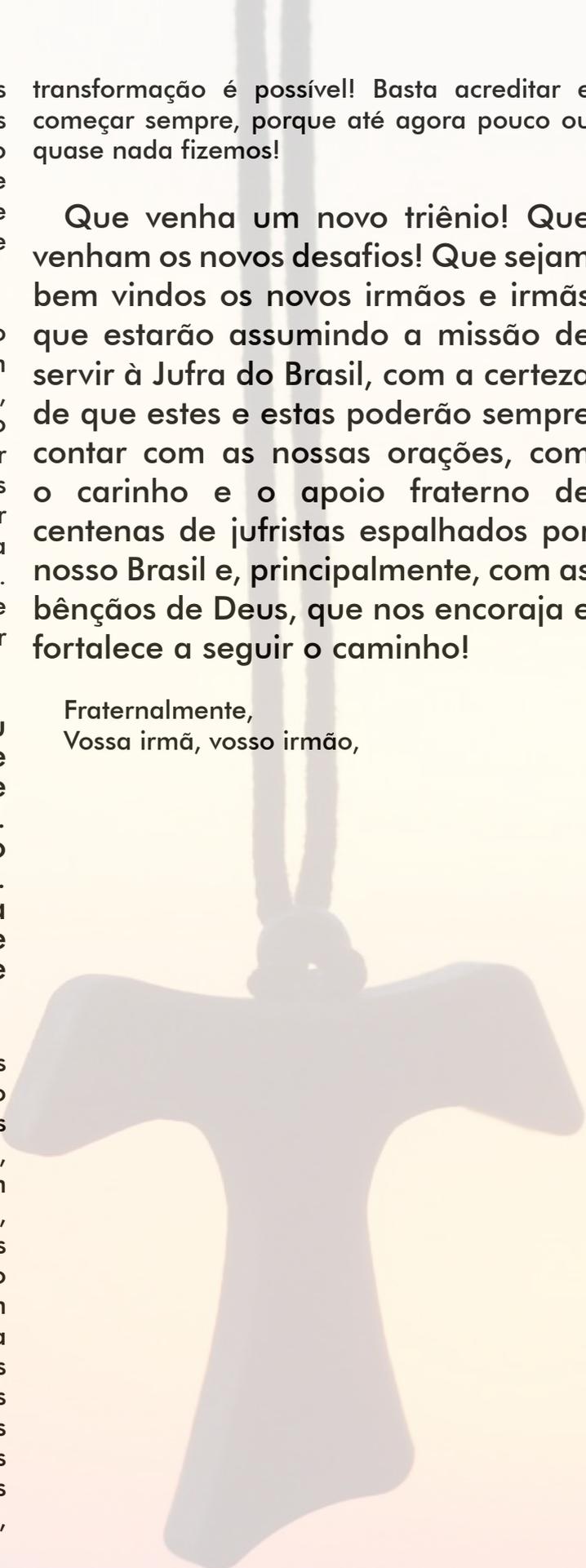
À luz desse modo franciscano, somos chamados a sermos ousados em nosso modo de nos colocar nas realidades onde estamos inseridos. Juventude de nossa Família, juventude de nosso carisma, vocês têm em mãos tudo para continuar acreditando que, em tempos de incertezas e de sombras, vocês podem continuar construindo outro mundo possível! É preciso acreditar que tudo vai além do que se vê e assumir e renovar a certeza de que, no hoje de nossa história, somos chamados e chamadas a sermos os Franciscos e Claras que o mundo precisa, para sermos hoje faróis geradores de luz e fontes geradoras de vida: de vida digna, de vida plena para as juventudes, para a nossa Família Franciscana, para a Igreja e para a sociedade!

Não tenhamos medo de, assim como fez o jovem Francisco de Assis, percorrer as estradas de nossa vida e existência com coragem e ousadia, acreditando que a partir de mim – a partir de cada um de nós – qualquer

transformação é possível! Basta acreditar e começar sempre, porque até agora pouco ou quase nada fizemos!

Que venha um novo triênio! Que venham os novos desafios! Que sejam bem vindos os novos irmãos e irmãs que estarão assumindo a missão de servir à Jufra do Brasil, com a certeza de que estes e estas poderão sempre contar com as nossas orações, com o carinho e o apoio fraterno de centenas de jufristas espalhados por nosso Brasil e, principalmente, com as bênçãos de Deus, que nos encoraja e fortalece a seguir o caminho!

Fraternalmente,
Vossa irmã, vosso irmão,



DIÁLOGO ENTRE AS GERAÇÕES

“Ó MESTRE, QUE EU PROCURE MAIS COMPREENDER DO QUE SER COMPREENDIDO”



Maria Aparecida Brito, OFS
Animação Fraternal Nacional

Diálogo é fundante para o bom desenvolvimento, seja do indivíduo, das famílias, das culturas, das comunidades, seja das religiões e entre as nações e países. O diálogo é uma virtude na espiritualidade franciscana. Frei Vitório Mazzuco descreve que no diálogo através da palavra, através da comunicação, através da fala e da escuta, entramos no mundo das ideias, num intercâmbio de compreensão. É a fala e a escuta que permite atravessar os nossos medos. E saber silenciar. O falar e o pensar correto tem muito a ver com o silenciar.

Em outubro de 2018 a Igreja vivenciou um momento de reflexão e escuta junto aos jovens de vários países na realização do Sínodo dos Bispos com a temática: Jovens, Fé e Discernimento Vocacional. Dentro do Sínodo o Papa Francisco observou o chamado da Igreja para favorecer o encontro entre dois importantes períodos da vida: juventude e velhice, o encontro entre as relações intergeracionais. Esse encontro significa que as comunidades possuem uma memória coletiva “cada geração retoma os ensinamentos de seus predecessores, deixando uma herança aos seus sucessores. Deste modo se forma um quadro de referências para consolidar com firmeza uma sociedade no mundo de hoje”.

No entanto, percebemos em nossa sociedade a cultura do descarte, onde o idoso já não contribui mais. Muitas vezes sendo ignorados em seu potencial e sabedoria. A cultura do descarte, que usa e joga fora, é uma forma do individualismo, num mercado de aparência e competição, mesmo a preço de pisar na cabeça dos outros. Contra o abismo entre as gerações que aos olhos do mundo parece irrecuperável, a resposta é o diálogo construtivo entre jovens, adultos e idosos para enfrentar o presente. A partir desta inspiração o Papa Francisco

apresentou o livro *A Sabedoria do Tempo* (2018), onde velhos falam aos jovens sobre os grandes temas da existência, sobre a importância do trabalho, a capacidade de lutar e de não se render diante das dificuldades, pensar no amor e na esperança. Anima os/as jovens para que vejam com olhos do coração, na audácia e com profundidade, não na superfície. Como disse Dom Hélder Câmara, bem aventurados os que sonham, porque levarão esperança a muitos corações e correrão o risco de verem seus sonhos realizados.

Na atualidade enfrentamos guerras e conflitos em vários lugares do mundo. Falta humanidade, cresce a violência, o ódio e as divisões entre culturas e tribos, uma deformação das religiões, utilizando o nome de Deus. Um descaso e descuido com a casa comum, a mãe Terra. Trilhamos um caminho de destruição. No entanto não podemos nos acomodar ou entristecer, ao contrário, precisamos resistir e nos fortalecermos, com a palavra do Senhor e em fraternidade. A cultura do encontro é a única maneira para fazer avançar na vida dos povos e promover o bem comum. “Revitalizando o pensamento e a vida, frente a desilusão e o desencanto que invadem os corações e saltam para o mundo” (Bento XVI).

“Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo com o povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade.” Papa Francisco

Com esse tema finalizo o triênio imensamente agradecida ao Senhor pela vocação

franciscana. Pelo sustento e a perseverança. Pela possibilidade de nas minhas limitações aprender e favorecer o diálogo fraterno entre JUFRA e OFS, entre OFS e JUFRA. Deixo uma mensagem para os/as jovens: Tenham esperança no futuro e lutem por isso! O Senhor está sempre conosco, inspirando, ensinando e fortalecendo. Levem vida e recebam vida de outros/as jovens, dos mais velhos, dos seus pais e mães, dos irmãos e irmãs da OFS, dos freis, de todos os quais se relacionem. Para a OFS que celebra os 35 anos do Acordo de Anápolis, momento forte para as mútuas relações OFS e JUFRA, afirmo, procuremos criar pontes e não muros, ofertando nosso testemunho e sonhos, recebendo a força e ânimo da juventude. E assim como fez nosso pai seráfico São Francisco, comecemos, pois ainda temos feito pouco! Paz e bem!

“Contra esta cultura que destrói os sentimentos, o serviço é servir. Assim você poderá ver que pessoas mais amadurecidas, os jovens mais amadurecidos – amadurecidos no sentido de desenvolvidos, seguros de si mesmos, sorridentes, com senso de humor – são aqueles que vão adiante, a caminho, com o serviço. E outra coisa: que arriscam. Se você não arrisca na sua vida, nunca, nunca estará amadurecido, jamais poderá fazer uma previsão, apenas a ilusão de receber, para se sentir seguro.”
Papa Francisco

04 DE MARÇO DIA DO/A ANIMADOR/A FRATERNO/A

Parabéns Animadores e Animadoras Fraternas pelo SIM à missão

Neste ano de 2019 alegres e esperançosos no presente e futuro a OFS e JUFRA do Brasil celebra 35 anos do Acordo de Anápolis.

É necessário frisar que o papel do/a Animador/a Fraterno/a, ou seja, do/a franciscano/a secular professo que aceita a missão com habilidade, paciência e disponibilidade. Dedica seu tempo, esforço e ânimo ao acompanhar, colaborar e formar os/as jovens, inclusive colabora no trabalho junto a IMMF - Infância, Micro e Mini Franciscanos, tão importante em nossos tempos.

De acordo com o artigo 97.2 das Constituições Gerais da OFS “as fraternidades da OFS se empenhem a dar às fraternidades da JUFRA, um animador fraterno” e interagindo com o II Encontro Nacional para Animadores Fraternos de 2017

orientamos que mesmo as fraternidades de OFS que não possuem uma fraternidade de JUFRA, possa buscar convidar e preparar franciscanos/a seculares para desenvolverem essa missão dentro de suas realidades junto as juventudes. Em atenção ao Papa Francisco que diz “o coração da Igreja é jovem precisamente porque o Evangelho é como linfa vital que regenera continuamente. Cabe a nós ser dóceis e cooperar nessa fecundidade”.

Rogamos a Deus que envie seu Santo Espírito a todas as fraternidades que de coração aberto se mostrarem dispostas a essa missão, tudo para que prevaleça a comunhão e o estreito relacionamento já vivenciado pela Ordem Franciscana Secular do Brasil e a Juventude Franciscana do Brasil.

Servir na Animação Fraterna é Acompanhar, Testemunhar e Evangelizar



MENSAGEM CELEBRATIVA DOS 35 ANOS DO ACORDO DE ANÁPOLIS: AVANÇOS E PERSPECTIVAS

A Jufra é o espaço próprio de comunicação do carisma franciscano às novas gerações. Ao se inserir em novos tempos, espaços e culturas, o carisma franciscano enfrenta desafios e se reorganiza em outras formas de expressão, mas fecunda esses novos tempos com sua riqueza espiritual.

Em janeiro de 1971, depois de diversas experiências locais, o Conselho Nacional da Ordem Terceira, sob obediência Capuchinha, instituiu um espaço para a juventude. O Conselho, com a presença do Ministro Geral Frei Pascoal Riwaliski, inspirado na experiência dos jovens de Ponta Grossa que eram assistidos por um jovem frade capuchinho: Frei Eurico de Mello, definiu a implantação da Jufra, como ala jovem da OFS (à época ainda denominada Ordem Terceira), em todo o território nacional.

Em 1972, os Conselhos Obedienciais da Ordem Franciscana Secular foram unificados em um único Conselho e o plano de implantação da Jufra no Brasil foi assumido pela nova estrutura. Também definiu-se que o Secretário Nacional da Jufra e seu Assistente teriam cadeira permanente neste novo conselho. Como Frei Eurico mesmo escreveu em 1979, na obra "Seguindo Francisco": a Jufra foi criada pela e para a OFS e "não tem sentido uma Jufra desligada da OFS ou que não leva à OFS", reconhecendo-se ainda toda iniciativa de proximidade dos ramos da família e todo apoio dado às fraternidades de JUFRA, cada tentativa e cada jovem que enfrenta dificuldades nesse processo, mas vive e dá testemunho do ser franciscano na vida fraterna.

Um projeto dessa envergadura enfrentava, naturalmente, muitos desafios: instituir nacionalmente um espaço para a juventude em uma instituição multiseular e num período de intensas transformações na igreja pós-conciliar. Por isso, a equipe de implantação nacional solicitou uma relativa autonomia pedagógica e organizacional para se adaptar às demandas da juventude e a uma igreja em profunda transformação. Essa autonomia, ao mesmo tempo em que permitiu a propagação da Jufra por todo o Brasil, pois não carregava o peso institucional de uma organização já consolidada, produziu estranhamentos entre as duas formas de vivência do franciscanismo secular que procuravam responder às demandas do Concílio Vaticano II por caminhos diferentes. Assim, ao passar pelas etapas da formação proporcionada pela Jufra e solicitar seu lugar na Ordem, o jovem encontrava entraves legais e institucionais, pois essa passagem não havia sido prevista na (re)organização jurídica do franciscanismo secular.

Deste modo, o "Acordo de Anápolis" (1984) foi o primeiro esforço de reconhecimento mútuo e "retorno à unidade" como previsto no projeto de criação da Jufra. Este acordo foi assumido pelo "Diretório de Mútuas Relações entre OFS e JUFRA" (1994) e, posteriormente, promulgado nas novas "Constituições Gerais da OFS" (aprovadas no capítulo de 1999) e no "Estatuto Nacional da Ordem Franciscana Secular do Brasil", criando assim um arcabouço institucional que possibilitou o acolhimento dos jufristas nas fraternidades da OFS. Logo depois, nesta mesma direção, a OFS instituiu um novo serviço nos seus conselhos: a "Animação Fraterna", garantindo assim um canal permanente de diálogo e evitando possíveis distanciamentos na jornada futura.

Para muito além dessa necessária organização institucional, é fundamental olhar para as realidades juvenis com os olhos do carisma. Cada nova geração que se nos apresenta não se manifesta como "tabula rasa", mas traz consigo necessidades e desafios, uma realidade sempre nova que o carisma deve fecundar. Não existem fórmulas prontas, válidas ilimitadamente. É necessário estabelecer uma dinâmica inspirada na vida familiar e baseada em princípios do carisma franciscano e buscar o equilíbrio entre a necessária liberdade de ação e expressão

próprias da juventude com o acompanhamento familiar, ou seja, da mesma maneira que os pais devem dar liberdade para os seus filhos experimentarem suas próprias opções, ao mesmo tempo devem estar próximos, ouvi-los e auxiliá-los nos momentos de dificuldade.

É fundamental igualmente oferecer um processo de formação sem confundí-lo com a mera transmissão de conteúdos. Uma formação em um ambiente lúdico, mas *densa* o suficiente para estabelecer os alicerces para a vivência do carisma no complexo mundo contemporâneo, *flexível* o suficiente para orientar o jovem onde ele estiver inserido: no mundo do trabalho, da ciência e da cultura, nos ambientes rurais e urbanos.

Olhar para a Jufra com o olhar do carisma significa reconhecê-la como o espaço do diálogo do franciscanismo com as novas gerações e como serviço vocacional para toda a família franciscana. Da mesma maneira que o Documento Final no Sínodo dos Bispos “os jovens, a fé e o discernimento vocacional” considera que todo ser humano é universalmente vocacionado ao amor, desejamos que o modo seráfico de vivência desse amor esteja sempre disponível aos jovens e afirmamos que isso transcende a todas as definições organizacionais, comprometendo cada franciscano que vivencia este tesouro que lhe foi confiado.

Ao celebrarmos os 35 anos do “Acordo de Anápolis”, reconhecemos que, apesar das dificuldades históricas e institucionais, o espaço da juventude na Família Franciscana se consolidou e gerou frutos, despertando vocações que: criaram novas fraternidades da OFS, ou renovaram diversas outras já estabelecidas; ou que optaram pela consagração religiosa e ou sacerdotal, ou ainda simplesmente levaram para suas vidas um coração marcado pelos valores franciscanos.

Neste percurso histórico que permitiu à Família Franciscana superar dificuldades e produzir frutos, cresce a responsabilidade das fraternidades em continuar construindo pontes entre a rica tradição espiritual franciscana e as necessidades das novas gerações, com habilidade, paciência e disponibilidade, esforço e ânimo no acompanhar, colaborar e formar.

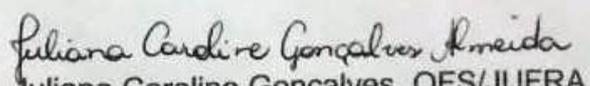
Deste modo, especialmente nas fraternidades que ainda não possuem espaços para a juventude, é imprescindível instituir o serviço da Animação Fraterna (CCGG 97.2) para estabelecer um diálogo que atenda ao que nos pede o Papa Francisco quando diz: “o coração da Igreja é jovem precisamente porque o Evangelho é como linfa vital que regenera continuamente. Cabe a nós ser dóceis e cooperar nessa fecundidade”.

Na alegria do XVII Congresso Ordinário Nacional da Juventude Franciscana do Brasil - CONJUFRA, em Anápolis/GO, saudações fraternas aos irmãos e irmãs aos quais essa mensagem chegar, sejamos fecundos.

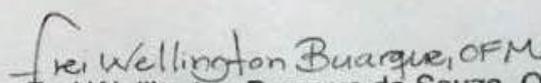
Paz e bem!

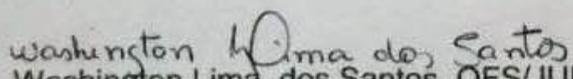
Anápolis, 04 de março de 2019 - Dia do/a Animador/a Fraterno/a
Equipe Nacional de Formação da OFS, e da JUFRA,
Animadores Fraternos Regionais


Maria José Coelho, OFS
Ministra Nacional


Juliana Caroline Gonçalves, OFS/JUFRA
Secretária Nacional de Formação


Maria Aparecida Pereira Brito, OFS
Animadora Fraterna Nacional


Frei Wellington Buarque, OFM
Assistente Espiritual Nacional


Washington Lima dos Santos, OFS/JUFRA
Secretário Fraterno Nacional


Irmã Viviane Ramos da Costa, FDM
Assistente Espiritual Nacional

Ofereça um presente diferente neste ano!



Faça uma assinatura da REVISTA PAZ E BEM e presenteie alguém especial!

Revista Paz e Bem a Revista mais Franciscana do Brasil!

Aproveite e garanta já sua assinatura, por apenas R\$ 45,00

pazebem@ofs.org.br | (21) 2240-4565 | www.ofs.org.br

X CONGRESSO LATINO-AMERICANO: PARTICIPAÇÃO DOS BRASILEIROS E DOCUMENTO CONCLUSIVO



Emanuelson Matias de Lima, OFS/JUFRA

Conselheiro Internacional da JUFRA América do Sul / CIOFS
Assessor Nacional da JUFRA do Brasil para Registro e Arquivo



Na Ciudad de Guatemala, na Casa de Retiros Monte São Francisco, dos Frades Menores, entre os dias 28 de janeiro e 01 de fevereiro, celebrou-se o X Congresso Latino-americano OFS-JUFRA. Da Presidência do Conselho Internacional da OFS (CIOFS) participaram o irmão Tibor Kauser, Ministro Geral da OFS, as irmãs Silvia Diana e Ana María Raffo Laos, Conselheiras da Presidência, Frei Amando Trujillo Cano, TOR, Assistente Geral OFS-JUFRA e Frei Pedro Zitha, OFM, Assistente Geral da OFS. Também estiveram presentes os irmãos Emanuelson Matias, Conselheiro Internacional da JUFRA América do Sul, e Francisco Loaiza, Conselheiro Substituto da JUFRA América Central, México e Caribe.

Participaram do evento irmãos e irmãs da OFS e JUFRA representantes da Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Nicarágua, El Salvador, Costa Rica, Guatemala, Honduras, México, Cuba, Uruguai e Paraguai. O Brasil esteve representado pela Ministra Nacional da OFS, Maria José Coelho, o Secretário Fraternal Nacional da JUFRA do Brasil, Washington Lima, o Assistente Espiritual Nacional OFS/JUFRA, Frei Wellington Buarque, OFM, e por Emanuelson Matias de Lima, Conselheiro Internacional da JUFRA América do Sul.

O tema principal do Congresso foi: "Tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão!", do artigo 06 da Regra da OFS. Os outros dois temas principais foram "A Regra da OFS, 40 anos de vida" e "Desafios dos jovens latino-americanos". As orações e celebrações foram momentos importantes para celebrar a vida em fraternidade e também a cultura guatemalteca.

Nos painéis JPIC e Família, irmãos/ãs de diferentes realidades compartilharam suas experiências de vida a partir do concreto da missão de viver o Evangelho no cotidiano. Três oficinas serviram de animação para as Fraternidades Nacionais e seus compromissos em três dimensões: Conclusões do Capítulo Geral 2017 (OFS), O papel do Assistente Espiritual e Pastoral da OFS-JUFRA: Novos desafios e esperanças (Assistentes) e o Sínodo da Juventude e sua aplicação hoje (JUFRA).

A manhã da quarta-feira, 30 de janeiro, foi dedicada a uma peregrinação pela antiga Guatemala nas pegadas do Santo Irmão Pedro, um franciscano secular que dedicou sua vida ao serviço dos mais pobres e da evangelização da Guatemala. Neste dia, em reunião da JUFRA da América Latina, foi encaminhada a criação de uma Jornada Latino-Americana pelos Direitos Humanos, que será incentivada a compartilhar em todas as Fraternidades de Jufra, realizando-se a cada três anos em nível latino-americano, e anualmente em nível nacional. Esta primeira Jornada será realizada em dezembro de 2019, preparada pelos jufristas que participaram deste Congresso, e sendo o tema central "Juventude e Protagonismo", buscando levantar as vozes da juventude frente as realidades dos tempos, mostrando uma JUFRA presente e convencida do trabalho pela justiça e pela paz, arriscando-se a ser verdadeira juventude presente e comprometida que a terra latino-americana e seu povo necessitam.

Assim dizem as Conclusões: "Como franciscanos e franciscanas nesta terra, nesta América Latina cheia de riquezas, sejamos "missionários e instrumentos de sua missão", da missão esperançadora de Deus entre os povos, assumindo-nos e arriscando-nos a ser protagonistas. Sigamos construindo laços e uma fraternidade latino-americana neste tempo, e caminhemos juntos para o nosso XI CONGRESSO LATINO-AMERICANO OFS-JUFRA, no Paraguai ... Paz e bem!

SECRETARIA NACIONAL DE FINANÇAS



Flaviano Ferreira

Secretário Regional de Finanças PB/RN

Humberto Martins de Lima Magalhães

Secretário Nacional de Finanças -2016/2019

Irmãos e irmãs,

A contribuição fraterna é um dos deveres do/a jufrista, a partir da formação base. É com essa contribuição que se assegura toda a vida financeira de sua fraternidade, por meio de atividades proporcionadas aos irmãos e, também, de caráter social, ao colaborar com a comunidade em que a fraternidade está situada. Esta contribuição é tão importante quanto qualquer secretaria ou serviço assumido nos mais diversos níveis da Juventude Franciscana e, por essa razão, cada irmão/ã deve tomá-la



pra si como um dever, mas um dever de coração aberto e compreensivo para as necessidades da sua fraternidade. Por isso, cada irmão deve ter esse sentimento de pertença, conhecendo seus direitos e deveres e, conseqüentemente, assumindo a sua responsabilidade financeira.

Cada fraternidade local define a forma de arrecadar os recursos, bem como o valor da contribuição fraterna de cada irmão para a sua manutenção, mas deve contribuir com o regional e, conseqüentemente, cada regional com o nacional. É com esse mecanismo que toda a estrutura da JUFRA do Brasil é mantida. Esses recursos são utilizados para a realização de encontros, congressos, seminários, reuniões do secretariado regional, visitas nas

fraternidades de nível regional e nacional etc. Por isso deve ser salientada a fundamental importância de todos dessa cadeia, começando do comprometimento do irmão na sua fraternidade local, até os secretários locais, regionais e nacionais, em fazer planejamentos para que o dinheiro seja regido da melhor maneira, de forma a não faltar para os devidos setores que integram toda essa corrente, que nos traz tantas alegrias no convívio entre os irmãos que existem espalhados pelo Brasil e pelo mundo inteiro.

Por fim, é importante dizer que cada irmão deve participar não só da sua fraternidade local, mas também ter um elo de ligação com os secretários regionais e nacionais, em



conversas, debates, dando sugestões, ideias, apoio e animando fraternalmente os irmãos/ãs a fazerem um bom trabalho à frente de suas secretarias, para que conhecendo as realidades de cada área, contribua para o crescimento da Juventude Franciscana presente nos quatro cantos do Brasil.

MANUAL DE FINANÇAS



Secretaria Nacional de Finanças



XVII CONJUFRA

**JUVENTUDE E PROFECIA:
ÁGUAS PARA A VIDA**

1 A 5 DE MARÇO DE 2019 | ANÁPOLIS-GO

"NÃO TENS UM BALDE, E O POÇO É FUNDO.
DE ONDE VAIS TIRAR A ÁGUA VIVA?" Jo 4,11

XVII Congresso Nacional Ordinário da Juventude Franciscana do Brasil

SEJA UM/A BENFEITOR/A DA JUFRA DO BRASIL



"Quando trabalhava assiduamente na obra da referida igreja, querendo que as lâmpadas permanecessem permanentemente acesas, andava pela cidade mendigando óleo...E, entrando naquela casa com espírito fervoroso pediu [...] óleo pelo Amor de Deus [...]."

Legenda dos Três Companheiros

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL (ou Lotéricas)

Agência: 3056

Operação: 013

Conta Poupança: 10464-2

JUVENTUDE FRANCISCANA DO BRASIL

FORMADORES REGIONAIS

Regional Sudeste I/ Triênio: 2017-2020

Joice Fátima de Oliveira - Etapa de Formação Franciscana (EFF)

Perfeita Alegria

Carmo do Paranaíba - MG



Regional Centro - Triênio 2018 a 2020

Tatiana Benigna Simões - Formação Base da JUFRA (FBJ)

Nossa Senhora Mãe de Deus

Catalão - GO



Regional: Norte 3/ Triênio 2015 a 2018

Matheus de Araújo Lobato - Formação Básica da JUFRA (FBJ)

Frei Juvenal Carlso

Santarém - PA



Regional NE A2 Ceará e Piauí triênio 2018 a 2021

Francisco Carlos Rocha - Jufrista Professo

Fraternidade Nossa Senhora das Graças

Floriano - PI



Regional Sul 3 Triênio: - 2018-2021

Aislan Viçosa - Formação Básica da JUFRA (FBJ)

Utopia

Santa Maria - RS



Regional Norte II (PA Leste e Amapá) Triênio 2018-2020

Luana do Socorro Arruda Feitosa - Etapa de Formação Franciscana (EFF)

Santa Rosa de Viterbo

Capanema - PA



Regional Nordeste A3 - (Triênio 2016-2019)

Muhammed Hochay Araújo - Etapa de Formação Franciscana (EFF)

FRATERNIDADE

Natal - RN



Regional NE A1 – Triênio 2016 a 2019

Daiane Késsia N. Teixeira - Formação Base da JUFRA (FBJ)

Irmão Sol Irmã Lua

Mirinzal - MA



Regional: NEB4 (Bahia Sul) – Triênio 2017 a 2019

Thaís Mota Guerra - Formação Base da JUFRA (FBJ)

Luz de Assis

Eunápolis - BA



Regional SUL/ Triênio: 2018-2021

Natalí Salvador da Rocha - Etapa de Formação Franciscana (EFF)

Gubbio

Curitiba - PR



Regional NE B1 - PE/AL/ Triênio: 2016 a 2019

Agnes Larissa dos Santos - Etapa de Formação Franciscana (EFF)

Espelho de Clara

Camela, Ipojuca - PE



Regional Sul 2

Gabriela Consolaro Nabozny - Etapa de Formação Franciscana (EFF)

Santíssima Trindade

Cidade: Florianópolis - SC



Regional São Paulo Sudeste 3 Triênio 2018-2021

David Stefani Prado - Formação Base da JUFRA (FBJ)

Frei Leão

Franca - SP



Regional Sudeste II – RJ/ES

Victor Lins - Formação Base da JUFRA (FBJ)

Ternura e Vigor

Nilópolis - RJ



[/jufradobrasil/](https://www.instagram.com/jufradobrasil/)

SÍMBOLOS FRANCISCANOS PARA IMMF

Irmãos e irmãs, paz e bem!

É com muita alegria que apresentamos um material da simbologia franciscana para a IMMF. A simbologia franciscana, além de rica em conhecimento litúrgico, é rica também em uma tradição daquele que amou o Cristo pobre.

Dessa forma, se faz extremamente indispensável a formação sobre os símbolos franciscanos, pois essa é uma formação sobre franciscanismo viva. Contém nossos hábitos comuns de viver nosso carisma.

Gratidão às irmãs Lais Chagas - secretaria Para Leste - e Lídia Nathacha - secretaria CE/PI - pela elaboração desse encontro.

Registrem com fotos nas redes sociais os encontros realizados com esse material, assim o Brasil conhece sua IMMF local, e nós poderemos ver como é fazer em distintas formas o mesmo assunto.

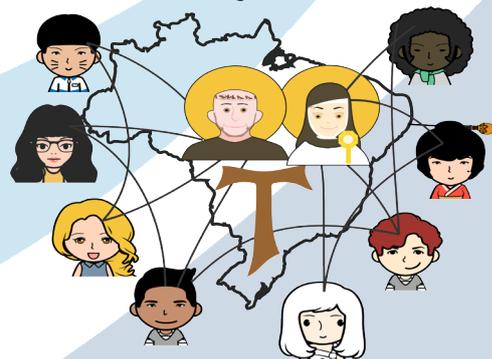
São Francisco nos abençoe!

Sabrina Ferreira da Silva
Secretaria Nacional de IMMF



Ambiente

Vaso com flores, se possíveis naturais, símbolos franciscanos que você tiver, como: tau, crucifixo de São Damião, um presépio, e a frase "paz e bem" escrita junto aos símbolos. Imagem de São Francisco, Santa Clara e até outros membros da família. A música paz e bem é sentir pode ser sugestão para receber as crianças.



PAZ E BEM <https://www.youtube.com/watch?v=AjpDOCAmJw>

Paz e bem meu irmão, paz e bem
 Paz e bem minha irmã, paz e bem
 Eu te saúdo sol, paz e bem. Eu te saúdo lua, paz e bem
 Eu te saúdo estrela, paz e bem. Eu te saúdo luz, paz e bem
 Paz e bem meu irmão, paz e bem
 Paz e bem minha irmã, paz e bem
 Eu te saúdo terra, paz e bem. Eu te saúdo flor, paz e bem
 Eu te saúdo fruto, paz e bem. Eu te saúdo verde paz e bem
 Paz e bem meu irmão, paz e bem
 Paz e bem minha irmã, paz e bem
 Eu te saúdo fonte, paz e bem. Eu te saúdo rio, paz e bem
 Eu te saúdo chuva, paz e bem. Eu te saúdo água, paz e bem
 Paz e bem meu irmão, paz e bem
 Paz e bem minha irmã, paz e bem
 Eu te saúdo pai, paz e bem. Eu te saúdo mãe, paz e bem
 Eu te saúdo irmão paz e bem, eu te saúdo irmã, paz e bem

Oração Inicial

Senhor que é Deus pai, Deus filho e Espírito Santo, nos abençoe neste encontro por intermédio de São Francisco e Santa Clara, que sejamos capazes de absorver o conteúdo deste encontro, que possamos abrir nossas mentes para nos formar enquanto franciscanos. Amém.



Meu verdadeiro ideal
Todo Jovem busca um ideal
e mais plenamente conquistar seus sonhos
Posso mudar o mundo ao meu redor,
se eu começar por mim algo será melhor.

Na juventude Franciscana
eu descobri minha cruz na forma de um tau
Foi na JUFRA, que eu encontrei,
em São Francisco, meu verdadeiro ideal
Sendo o irmão sol que brilhará, ou a irmã lua a iluminar
Minha juventude é franciscana, é assim na JUFRA

Muitos caminhos oferece o mundo,
cabe a mim a decisão de qual seguir
De nada vale possuir a tudo,
porque sem Deus o tudo é um nada aqui no mundo.

Na juventude Franciscana
eu descobri minha cruz na forma de um tau
Foi na JUFRA, que eu encontrei,
em São Francisco, meu verdadeiro ideal

Sendo o irmão sol que brilhará, ou a irmã lua a iluminar
Minha juventude é franciscana, é assim na JUFRA. (bis)

Perguntas para nortear a introdução do tema

- O que é descobrir "minha cruz em forma de um tau"?
- O que é ideal de vida? O qual é seu verdadeiro ideal?
- Você sabe por que dizemos paz e bem?
- O que esse crucifixo tem de diferente dos outros crucifixo que você já viu?

Aprofundando no tema

Nosso carisma tem diversos símbolos e junto a eles seus significados, muitas vezes usamos o tau ou o crucifixo de São Damião e nem sabemos do significado ou importância deles, por isso juntamos alguns para conhecer melhor.

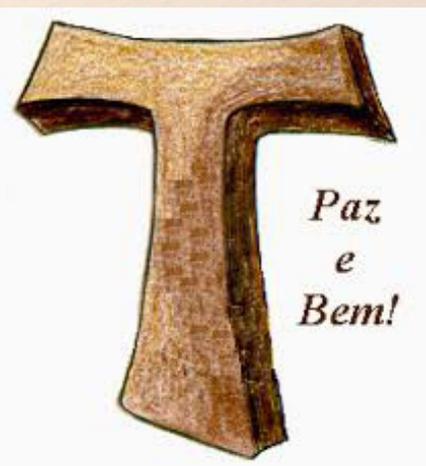
TAU FRANCISCANO

Este símbolo atravessa oito séculos em nosso carisma, o Tau franciscano é verdade, palavra, luz, poder e Força da mente direcionada para um grande bem. Significa lutar e discernir o verdadeiro e o falso. É curar e vivificar. Francisco está penetrado e iluminado, apaixonado e informado pela a Palavra de Deus, a Palavra da verdade.

Existe somente um texto bíblico que menciona explicitamente o TAU, a última letra do alfabeto hebraico, Ezequiel 9,1-7: "passa pela a cidade, por Jerusalém, e marca com um TAU a frente dos homens que gemem e choram por todas as práticas abomináveis que se cometem". O tau é a mais antiga grafia em forma de cruz. O tau é selo de Deus; significa estar sob o domínio do senhor, é a garantia de ser reconhecido por Ele e ter sua proteção. Por isso, quando o jufrista ou irmão da OFS faz seu voto de compromisso ela recebe um tau para simbolizar seu compromisso com Cristo crucificado e a proteção recebida por Ele.

O CRUCIFIXO DE SÃO DAMIÃO

O crucifixo de São Damião foi pintado no século XII por um desconhecido artista da Úmbria, região da Itália. A pintura tem estilo



romântico, sob clara influência oriental: o pedestal sobre o qual estão os pés de Cristo pregados separadamente; e de influência Siríaca: a barba de Cristo, a face circundada pelo emoldurado dos cabelos, a presença dos anjos e cruz com a longa haste segurada na mão, por Cristo (Só visível na pintura original), no alto, encimando a Cruz. O crucifixo tem suas peculiaridades, primeiro que apresenta o Cristo vivo, ressuscitado (Jo 12,32), de pé sobre o sepulcro vazio e aberto (indicado pela a cor preta), visível por trás. Com as mãos estendidas, Cristo está para subir ao céu (Jo 12,32). A inscrição acima da cabeça de Cristo; "Jesus nazarenus Rex Judaerum" Jesus Nazareno Rei dos Judeus é também própria do Evangelho de João. Do alto, a mão direita do Pai acolhe o seu Filho circundado dos anjos (e santos) na glória celeste, essas e outras características se destacam neste crucifixo de São Damião.

Foi através deste crucifixo que Deus falou para Francisco ir e reconstruir a igreja Dele, não somente a igreja pedra, mas sim e principalmente a igreja humana. Esse crucifixo é distinto para o franciscano por que apresenta um Cristo com olhos abertos, sem pregos nos pés, quase como se andasse. Para Francisco, ele estava falando.



Presépio

O maior intenção e desejo de Francisco, era observar o Evangelho em tudo e por tudo, imitando com perfeição, atenção, esforço, dedicação e fervor os "passos do Nosso Senhor Jesus Cristo no seguimento de sua doutrina". Estava sempre meditando em suas palavras e recordava seus atos com muita inteligência. Gostava tanto de lembrar a humildade de sua encarnação e o amor de sua paixão, que nem queria pensar em outras coisas.

Certa vez, Francisco lembrou-se do nascimento humilde do Salvador. E decidiu fazer no Natal, no povoado de Greccio onde estava, três anos antes de sua gloriosa morte, um momento litúrgico que apresentasse o nascimento de Cristo com mais vigor. Fez um presépio vivo no dia de natal, as pessoas do povoado montaram um presépio onde elas levaram palha, boi e um burro, Greccio se tornou uma nova Belém.

A noite ficou iluminada como o dia e estava deliciosa para os homens e animais. O povo foi chegando e alegrava-se com o mistério renovado em sua alegria toda nova. O bosque ressoava com as vozes que ecoavam nos morros. Os frades cantavam, dando os louvores ao senhor e a noite inteira se rejubilava. A missa foi celebrada ali mesmo no presépio, e o sacerdote que a celebrou sentiu uma piedade que jamais experimentara até então, Francisco, durante a celebração, quando iria se referir a Jesus acabava chamando-o de menino de Belém. Multiplicaram-se nesse lugar os favores do todo poderoso, e um homem de virtude teve uma visão admirável. Pareceu-lhe ver deitado no presépio um bebê dormindo que acordou assim que o santo se aproximou dele. Depois da vigília solene as pessoas guardaram a palha usada no presépio para curar animais, onde muitos animais que padeciam naquela região por causa de diversas doenças foram curados com essas palhas. Desde então o presépio se tornou conhecido e até hoje os cristãos do mundo tudo usam para comemorar o natal.

A SAUDAÇÃO DO PAZ E BEM

Esta saudação que usamos até hoje quando encontramos um irmão, teve início na descoberta e na vocação dos discípulos, que São Francisco descobriu no evangelho e, que ele colocou na Regra dos Frades Menores - "o modo de ir pelo o mundo". Lucas 10,5 fala na saudação "a paz esteja nesta casa", e Francisco acrescenta que a saudação deve ser dada a todas as pessoas que os frades encontrarem pelo o caminho: "O senhor vos dê a paz".

No seu testamento, Francisco revela que recebeu do Senhor mesmo esta saudação. Portanto, ela faz parte de sua inspiração original de vida: anunciar a paz. Muito antes de São Francisco, o mestre Rufino (bispo de Assis, na época em que Francisco nasceu), já escrevera um tratado de, "De Bono Pacis"- "O Bem da Paz" e, que certamente deve ter influenciado a mística da paz na região de Assis. Haviam, então, diferentes formas de saudação da paz, entre elas a de "Paz e Bem".

Sugestão de música para reflexão dos temas

“Despojamento” <https://www.youtube.com/watch?v=7>
Opereta Irmã Clara e Pai Francisco. Pe Zezinho
Simplicissimamente nós viveremos daqui pra frente
Simplicissimamente nada teremos singelamente
Partiremos o pão que Deus dará
E se formos irmãos o pão não faltará.
Desposaremos a donzela pobreza
E geraremos a irmã caridade
E não teremos quase nada na mesa
E pisaremos pés descalços no chão.
Não mudaremos quase nada na terra
E pode ser que nada mude ao redor
Mas para que o mundo seja um dia mais justo
Semearmos a semente do amor.



Dinâmica

Materiais necessários

- Balões coloridos
- Papel
- Caneta
- Cartolina
- Pincéis

Passo a passo

Colocar em pedaços de papel o nome de cada símbolo franciscano, dobrar e por dentro de balões cheios.

As crianças deverão ser divididas em dois grupos (ou dependendo da quantidade em mais), cada grupo é organizado em fila indiana e de maneira alternada uma criança dirige-se aos balões e estoura revelando o nome escrito no papelzinho, após a leitura do nome do símbolo, outra criança do mesmo grupo é desafiada e desenhar tal símbolo e dizer o seu respectivo significado, a cada acerto o grupo é pontuado e no final da dinâmica deverá ser premiado, é importante incentivar a partilha do prêmio entre todas as crianças mesmo havendo um grupo com mais e outro com menos pontos, todos ganham.

Oração Final

Senhor, que possamos usar estes símbolos sempre de modo a nos aproximar do Senhor, que possamos usar com amor e respeito que devemos ter com tudo que nos remetem a Ti, Cristo Jesus. Pai nosso...Ave Maria...Amém.

Canto final

“Caminhemos em silêncio” <https://www.youtube.com/watch?v=RihTLWnfjaU>
Opereta Irmã Clara e Pai Francisco. Pe Zezinho

Sugestões extras

Um Presépio que pode ser usado na decoração do ambiente.

Distribuir em uma cartolina média o papel escrito “paz e bem” para que eles coloquem em seus lares, ou no quarto, ou na entrada da casa.

Será que eles desejam usar o tau? Se sim, seria possível fazer um pequena celebração de compromisso com as crianças/adolescentes em outro dia, com assistente espiritual local, se possível, com distribuição do tau para os membros que já tem um tempo de caminhada na fraternidade. #ficaadica

Quando o dia da paz renascer
Quando o Sol da esperança
brilhar
Eu vou cantar

Quando o povo nas ruas sorrir
E a roseira de novo florir
Eu vou cantar

Quando as cercas caírem no chão
Quando as mesas se encherem de
pão
Eu vou cantar

Quando os muros que cercam os
jardins, destruídos
Então os jasmims vão perfumar

Vai ser tão bonito se ouvir a
canção
Cantada de novo
No olhar da gente a certeza de
irmãos
Reinado do povo

Quando as armas da destruição
Destruídas em cada nação
Eu vou sonhar

E o decreto que encerra a
opressão
Assinado só no coração
Vai triunfar

Quando a voz da verdade se ouvir
E a mentira não mais existir
Será enfim
Tempo novo de eterna justiça
Sem mais ódio sem sangue ou
cobiça
Vai ser assim

Vai ser tão bonito se ouvir a
canção
Cantada de novo
No olhar da gente a certeza de
irmãos
Reinado do povo

UTOPIA
ZÉ VICENTE

